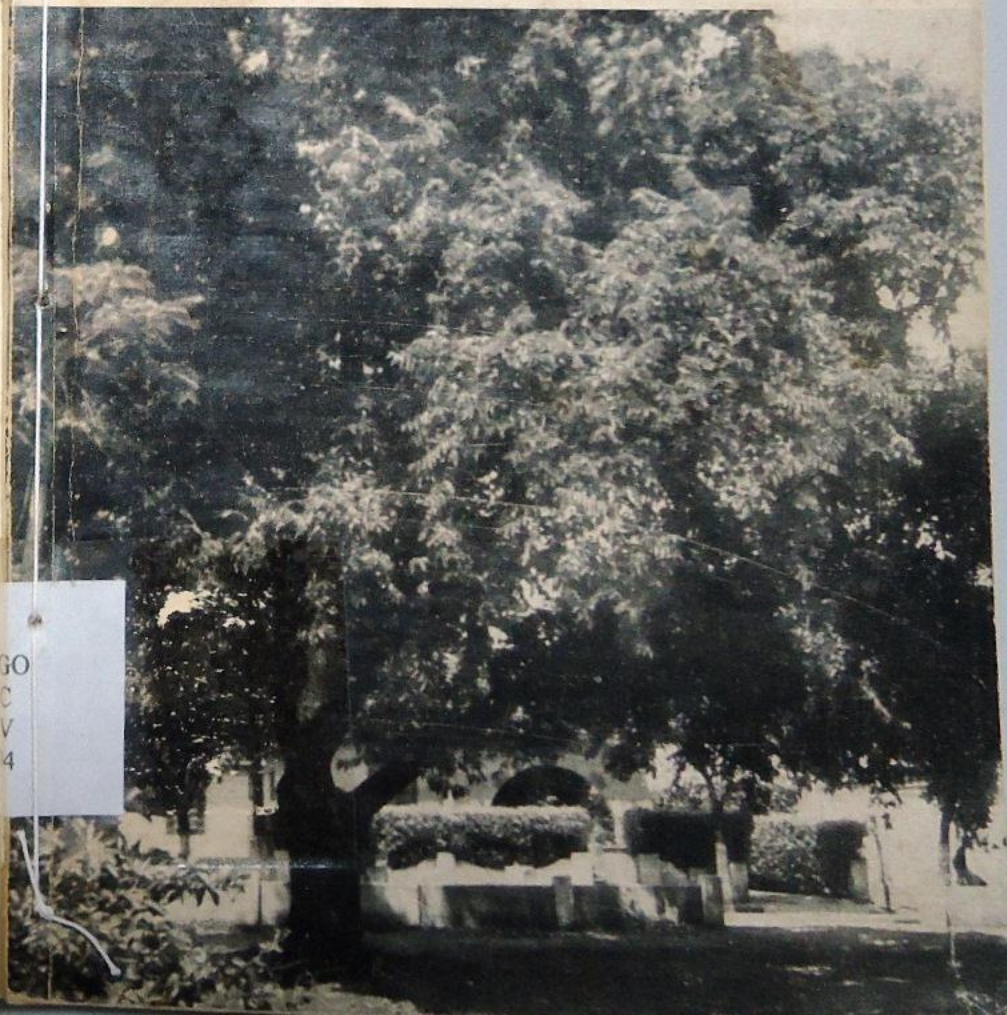


Revista de EDUCAÇÃO

ANO XVIII

AGÓSTO - SETEMBRO DE 1960

Nº 45



GO
C
V
4

Esta árvore é histórica. Já foi Palácio do Governo, pois à sua sombra um dia acampou o Executivo estadual no início da Epopéia de Goiânia. Está localizada na hoje Rua 24, em Goiânia, antiga fazenda Botafogo, dividida nas proximidades «Sítio de Cima» e «Sítio de Baixo», pertencente ao Sr. Andreilino Rodrigues de Moraes e sua esposa, D. Bárbara de Souza Moraes.

A modesta casa-sede do «Sítio de Baixo» ficava exatamente onde se encontra o atual consultório do Dr. Domingos Viggiano. Bem em frente à casa encontrava-se o curral comum e numa das extremidades deste, justamente do lado de cima, em local mais distante da moradia, existia a árvore «MOREIRA», que ainda hoje lá está.

informa o Sr. Andreilino Rodrigues de Moraes que, em 1904, media aquela árvore aproximadamente cinco metros de altura, e seu tronco, uns 15 centímetros de diâmetro.

Passaram-se os anos e referida «Moreira» foi sempre conservada com carinho pelo Cel. José Rodrigues de Moraes e seus descendentes, até que em 1933, no mesmo local do «Sítio de Baixo», veio o Governo do Estado a construir as primeiras residências provisórias, — casas de tábuas em forma de acampamento, nos primórdios de Goiânia. A essa altura dos acontecimentos, foi dividida a fazenda Botafogo em virtude de ter sido escolhido o local para a construção da nova Capital, quando então doava o Sr. Andreilino Rodrigues de Moraes referidas terras ao Estado de Goiás.

A casa de madeira que ficava mais próxima da «Moreira» era a que servia de sede provisória do Escritório de Venda de Lotes da Nova Capital e nela, semanalmente, se hospedava o Dr. Pedro Ludovico Teixeira, então Interventor Federal no Estado de Goiás, idealizador e destemeroso realizador da grande obra. Aquela árvore representa mudo testemunho de conferências governamentais de suma importância para a política de Goiás e à sua sombra acolhedora foram tomadas resoluções intimamente ligadas à construção da bela cidade que é hoje Goiânia.

Revista de EDUCAÇÃO

ORGÃO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DE GOIÁS

Nº 45 — Fascículo de agosto — setembro de 1960

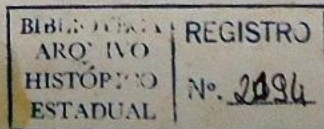
**

Ofício do Departamento de
Cultura da Secretaria de
Educação e Cultura

DIRETORA : Professora Amália Hernando Teixeira,
Catedrática do Instituto de Educação de Goiás



GOIÂNIA — Capital do Estado de Goiás



370-60
SEC
REV
2199

Expediente

REVISTA DE EDUCAÇÃO

ÓRGÃO DA SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DE GOIÁS

(Criada pelo decreto n. 3.482, de 12 de junho de 1933 — Reorganizada pelo decreto-lei n. 186, de 24 de novembro de 1945, e pelo Decreto n. 490, de 2 de dezembro de 1958).

GOIANIA — CAPITAL DO ESTADO DE GOIÁS — AGOSTO — SETEMBRO DE 1960

DIRETORA: Professora **Amália Hermano Teixeira**,
Catedrática do Instituto de Educação de Goiás

Publicação bi-mestral — Circulação a 15 do bimestre seguinte

Colaboram nesta revista todos os Professores, públicos ou particulares, e Técnicos de Educação.

As colaborações devem vir datilografadas em um lado único da página, não se tolerando pseudônimos, e não se publicando trabalhos que excedam de quatro páginas datilografadas.

Os originais não publicados não serão devolvidos.

A revista não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nas colaborações assinadas.

Toda correspondência deve ser dirigida à

SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO E CULTURA

Edifício da Telefônica — Avenida Goiás, n. 50 — 2º andar
GOIANIA — CAPITAL DE GOIÁS

A assinatura anual da revista é de Cr\$ 200,00 (duzentos cruzeiros), devendo os professores e demais interessados endereçar seus pedidos à Administração da Revista.

Número avulso — Cr\$ 45,00

Número atrasado — Cr\$ 50,00

FEDE-SE PERMUTA COM AS PUBLICAÇÕES CONGÊNERES DO PAÍS

SOLIDARIEDADE À PROFESSORA PRIMÁRIA DE GOIÁS



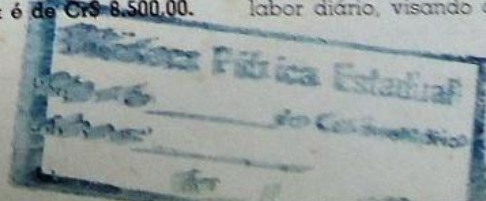
A competente Professora **NELLY ALVES DE ALMEIDA**, da cadeira de Português do Instituto de Educação de Goiás, presta sua irrestrita solidariedade à professora primária de Goiás, cujo vencimento inicial, mesmo com o recente aumento, é de apenas Cr\$ 6.450,00, vale dizer, salário mínimo, para quem tem sobre os ombros as maiores e mais sérias responsabilidades.

É de se esperar breve reestruturação dos vencimentos dos professores goianos, a exemplo do que fará o Governador eleito de Minas Gerais, onde a inicial da carreira é de Cr\$ 8.500,00.

Já havíamos elaborado nosso trabalho para o presente número da *Revista de Educação*, sob o título — *INSPIREMOS A CRIANÇA O AMOR A LITERATURA* —, quando nos vimos inclinada a substituí-lo por este, após havermos assistido ao desfile de 7 de setembro.

O que nos inspirou este artigo foi a visão de amor e ternura que divisamos no rosto, nos gestos, na dedicação da professora primária de Goiás. Na Avenida Anhangüera, víamos uma demonstração de civismo e de encantamento, ante a profundidade histórica da data magna da Pátria. Tínhamos, diante dos olhos, o painel estupendo do grande respeito e da veneração enorme que temos por este Brasil glorioso, para cujo engrandecimento o vulto modesto e digno da professora primária contribui eficientemente.

Vimo-la conduzindo, no desfile soberbo que riscava, com o colorido diverso dos uniformes de gala, tatuagens de milagrosa beleza, no corpo bronzeado das avenidas asfaltadas, ao som dos tambores ruidosos, os alunos pequeninos, aos quais aponta, diariamente, o caminho do bem, ante as lições ministradas. Vimos sua figura de santa, dedicada e nobre, a guiar, ali, como nas classes dos diversos grupos escolares e escolas reunidas, as almas que lhe são confiadas e as quais ela amolda, criteriosamente, no labor diário, visando o futuro e a al-



tivez da Pátria.

Muitas estampavam, no rosto, o cansaço provocado pelas lutas da vida. Apesar do sol causticante daquela hora, estavam ali, onde o dever as chamara. Davam uma lição de disciplina e obediência dignas de ser vistas com a simpatia que inspiravam. E sentimentos por essas nobres colegas admiração tão grande, respeito tão profundo que nos propusemos a dirigir-lhes estas palavras de estímulo e de solidariedade, chamando-as obreiras da instrução e do ideal, esteio magnífico de uma bela causa, tão bela quanto árdua, tão árdua quanto divina! E sentimentos ali, onde estávamos, lágrimas nos olhos e apêto no coração, quando nos lembramos quanto mal remuneradas são elas ante a enorme responsabilidade que carregam nos ombros! Ninguém ignora o alto valor, a inestimável importância do ensino primário; inegavelmente, ele é o alicerce para os grandes edifícios do futuro, quer a criatura atenda a esta ou àquela vocação. E sua importância tanto mais se avulta, quanto melhor ministrado, ele se revela. E quem prepara esse alicerce? quem se debruça sobre as carteiras, dando, de seu esforço, a melhor parte? quem ilumina as inteligências, desperta a compreensão e os sentidos para o conhecimento do mundo material?

E' ela, a professora primária, a heróica anônima, cujo valor tantos desconhecem e que, no entanto, merece o respeito de todos, a atenção de todos, a veneração de todos e, sobretudo, uma remuneração digna de seu esforço e de seu trabalho!

E' claro que as professoras secundárias temos, sobre os ombros, um sem número de responsabilidades. E' claro que as que labutam nesse setor

têm, diante da consciência, um sério problema, cuja pronta solução, da nossa parte, abre, ao educando, as portas de novos entendimentos e de novas visões, dando-lhe acesso a degraus mais altos da escada da vida. E, como professora secundária, temos também, uma remuneração que não compensa ante o trabalho e a responsabilidade que enfrentamos; entretanto, antes de pronunciarmos a respeito, a nosso favor, vamos considerar, primeiramente, o caso de nossas colegas, as professoras primárias, que nos dão a massa amoldada, o alicerce pronto.

São nossas palavras de hoje um grito de defesa à nobre classe, um brado de adesão à sua causa, em busca de um salário digno! É um pedido aos poderes competentes, para que meditem, com simpatia, sobre o caso! O ordenado que recebem as professoras primárias, em Goiás, é irrisório! Amoldar uma inteligência, aclarar uma visão, afugentar a ignorância, educar os sentidos, despertar, enfim, para a vida é tarefa árdua e é arte. Se artistas são os que nos deliciam os ouvidos com músicas divinas; os que nos deslumbram a vista com os esplendores da pintura; os que nos deleitam a alma com os encantos da literatura; como classificar então, as mestras das primeiras letras, por cujas mãos passaram os privilegiados por esses dons? Goiás é um estado rico e altamente evoluído econômica, política e intelectualmente; lembremo-nos de que Brasília fica em Goiás e de que Goiás é Brasil! Aqui, onde o progresso se tem feito notar em todos os setores, nossas escolas ombreiam-se com as mais eficientes do país; por que, então, não dar à professora primária goiana o que ela merece? por que não lhe padronizar o ordenado ao

de muitos outros Estados, como quase recentemente aconteceu em Minas Gerais? por que não lhe pagar à altura de seu merecimento e de seu valor, dando-lhe o suficiente para enfrentar o alto custo de vida que nos asseberba? Sabemos que, ante o aumento com que foi beneficiado o funcionalismo estadual, a professora primária atingiu a inicial de Cr\$ 6.450,00; todavia, diante da altura de seu trabalho, não é, ainda, o que merece.

Quantas dentre essas nobres mestras não têm, a seu encargo, o sustento de u'a mãe velhinha, de irmãos pequenos, de filhos órfãos? E a luta que enfrentam durante o mês, ao fim do qual recebem a magra quantia que lhes serve de ordenado, é imensa, é exaustiva! E esse parco vencimento não é suficiente para lhe pagar o pão, o leite, a carne, os sapatos, os vestidos... No entanto, o mais importante período da educação é o que se verifica na aula de primeiras letras, onde ela é a figura central e, quasi ninguém percebe isso ou finge não perceber, o que é doloroso! Ela é o anjo tutelar da escola, como a mãe o é do lar: ela é quem faz da escola primária uma instituição dinâmica, variada, ligando-a à realidade, articulando-a com a vi-

da, fazendo-a vibrar! Em suas mãos, ela é uma harpa divina, aromatizando o ar com sons de música suave de que emana a luz que dissolve a escuridão, afugenta a ignorância e alimenta o espírito!

A professora primária goiana, como já tivemos oportunidade de constatar, constitui justo orgulho do magistério brasileiro. Sabe fazer da escola um ninho de concórdia, sabe conquistar a amizade toda inteira dos que a rodeiam, faz encontrar doçura no trabalho, encanto nas tarefas árduas, tornando-se, por isso, respeitável e digna. Ela sabe que cada criança que lhe é confiada é uma flor em botão, que a guarda o necessário cuidado para desabrochar em rosa de valor. É mestra que sabe amoldar o educando ao meio, baseando-se nos princípios primordiais para a clara resolução do magno problema do ensino, porque alimenta o ideal pedagógico, cultiva a realidade pedagógica e aplica o método pedagógico!

A ela, pois, a melhor atenção dos poderes competentes para que, estimulada e compreendida, sinta suave o peso do trabalho que a carreira proporciona.

"Senhor! Tu que me ensinaste, perdoa se eu ensino, se levo o nome de mestre que levaste pela Terra. Concede-me o amor único de minha escola: que nem o sortilégio da beleza seja capaz de roubar-lhe minha ternura de todos os dias.

Concede-me o ser mais mãe que as mães, para poder amar e defender, como elas, o que "não é carne de minhas carnes"; que eu chegue a fazer, de um de meus alunos, meu verso mais sublime e deixar-Te nele gravada, minha mais insinuante melodia para quando meus lábios não cantem mais".

(Da ORAÇÃO DA MESTRA, da poetisa chilena GABRIELA MISTRAL, prêmio NOBEL de Literatura de 1945.)

A ÁRVORE

E SUAS UTILIDADES

A professora ALDEIDA GOMES ESTE-LITA, atualmente lecionando no Curso de Aplicação do Instituto de Educação de Goiás, nesta Capital, apresenta, neste número de nossa REVISTA, um trabalho sobre a Arvore. Dona Aldeida, natural de Belém, do Pará, é normalista pelo Estado do Amazonas e ingressou no magistério goiano em 1.940, na cidade de Pirenópolis.

FUNÇÃO DAS FLORESTAS

O conjunto grandioso de árvores e arbustos formam as florestas.

O Brasil possui grandes florestas. A floresta Amazônica é considerado o maior reservatório do mundo. Ao sul do país encontra-se a floresta Atlântica, muito rica e variada.

Infelizmente, grande também é a imprevidência do homem que vem devastando nossas reservas florestais, sem cuidar de refazê-las, desde a época do descobrimento deste país, como nos conta a História a respeito do pau-brasil.

As florestas, além de representarem uma inesgotável fonte de riqueza, exercem também funções importantíssimas dentre as quais destacamos:

1º — **Ação protetora contra os ventos:**

Leccionando sempre em cursos primários, transferiu-se para Pontalina, Goiânia e Quirinópolis, nesta última cidade exercendo as funções de professora e Diretora durante oito anos. Com a criação do Curso Primário de Aplicação do Instituto de Educação de Goiás, em 1.956, ficou fazendo parte do corpo docente desse estabelecimento.

A vegetação lenhosa pode desviar as fortes ventanias, diminuindo sua ação destruidora.

2º — **Ação protetora contra as variações atmosféricas:**

Os solos desprovidos de vegetação são muito sensíveis às variações de temperatura. Durante o dia se aquecem muito e à noite se resfriam rapidamente. As florestas defendem a terra dessas variações bruscas concorrendo para a melhoria do clima.

3º — **Distribuição das águas pluviais**

Nas florestas as águas pluviais se dispersam lentamente antes de atingir a superfície do solo. Em contato com este são absorvidas, atingindo as camadas mais profundas.

Assim, as florestas protegem a terra contra a ação das enxurradas e armazenam o **humus** resultante da lenta decomposição dos vegetais caídos (fólias, galhos, cascas, etc.) fertilizando-as e tornando-as aptas às culturas.

Exercendo influência preponderante na vida do homem, os que as exploram devem ser obrigados ao replantio.

DIA DA ÁRVORE

A luta pela conservação dessa riqueza natural vem de muito longe. No século XVIII, na Espanha, já se realizavam festejos populares dos quais constava o plantio de árvores. Eram as chamadas «Festas da Arvore».

Mais tarde, os Estados Unidos instituíram o «Dia da Arvore» como festividade escolar, exemplo que logo foi seguido por outros países, e, em nossos dias, por todo o mundo.

Essas solenidades têm por objetivo desenvolver no educando — o homem de amanhã — sentimentos de amor e proteção à árvore, despertando-lhe ao mesmo tempo o interesse de melhor conhecer o seu valor.

Todos, ou quase todos os países destacaram da sua flora uma espécie para figurar como a «Arvore Nacional». No Brasil foi escolhida como símbolo o Ipê, de belíssima floração amarela brilhante.

O educando brasileiro deve ter como lema as sábias palavras de José Bonifácio de Andrada e Silva o «Patriarca da Independência»: — «Por cada árvore que tomba, plantará, sempre, pelo menos, três irmãs suas».

A árvore serviu de abrigo ao homem primitivo e serve ainda para os ani-

mais que à sua sombra se acolhem. Mais tarde, reconhecido que foi o valor econômico da árvore, a inesgotável fonte de riqueza que ela representa, o homem, em seu egoísmo natural, apressou-se a explorá-la, nem sempre respeitando as leis do reflorestamento.

Na árvore tudo é aproveitável, sendo, porém, a parte mais preciosa a que fica compreendida entre o colo e a inserção dos primeiros ramos, e que se denomina **fuste** ou tronco. É dessa parte que se retira a madeira para móveis e construção.

Dos primeiros ramos para cima está a copa que se compõe de ramos que inserem diretamente no fuste e que, por suas grandes dimensões, são utilizados no fabrico de pequenas peças e de cabo de ferramentas.

Dos primeiros ramos surgem outros de onde partem as fólias, que têm por função elaborar a seiva e redistribuí-la.

A parte subterrânea da árvore chama-se **sistema radicular**, e tem por finalidade dar estabilidade e nutrição às plantas.

O tronco oferece madeira para construções em geral, como sejam, vigamento, tábuas, ripas, fôrro, assoalho; madeira para móveis, lâminas para compensados, carrocerias, pontes, postes, etc.

Da sua polpa obtém-se ainda celolane, celotex, plásticos, materiais fotográficos e inúmeros outros produtos. Suas fólias são utilizadas em inúmeros preparados medicinais e artigos para perfumaria. Emprega-se na fabricação de tecidos a fibra do linho, cânhamo, algodão, caroiá, juta, etc.

As raízes são utilizadas algumas vezes como comestíveis e empregadas na indústria de corantes.



Amigos da Naturera

Professôra *Amália Kermano Teixeira*
Catedrática do Instituto de Educação de Goiás

Das matas de Goiás a autora dêste trabalho vem, de há muito, recolhendo orquídeas, filodendros e outras espécies botânicas, preservando-as da devastação pelo machado e pelo fogo.

Aqui, ela nos mostra uma *CATTLEYA NOBILIOR*, variedade alba, de seu orquideário, colhida na região norte do Estado.

AMIGOS DA NATUREZA

- 1 — **PROTEGER — PREVENIR — REPARAR.**
- 2 — **BIOGEOGRAFIA DINÂMICA** —, guia de proteção à natureza
- 3 — **VALIOSA** a colaboração do professor.
- 4 — **O HOMEM**, êsse «fazedor de desertos».
- 5 — **PARQUES NACIONAIS** para preservação das espécies vegetais e animais.

Conquanto indeciso ainda em certas regiões do País, é bastante animador nos dias que correm o movimento de proteção aos nossos bens naturais. Generalizou-se, afinal, quanto perdeu nosso rico Brasil, por descaso, imprevidência, impatriotismo. Há muito, brasileiros de todos os quadrantes ouvem o grito de **proteger, prevenir, reparar**.

Proteger as maravilhas da natureza, que, como dádivas divinas, chegaram até nós; zelar por êsses bens, indispensáveis à própria vida do homem, mas que êle, num utilitarismo alarmanante, vem impiedosamente destruindo.

Em sua *Biogeografia Dinâmica*, A. J. de Sampaio, falando-nos da interdependência dos seres vivos, declara que a riqueza, via de regra, impera onde há muito o que consumir; mas é o mesmo brilhante e culto apaixonado de nossas cousas quem assim conclui: «onde, porém, o homem se esqueça de que não há bem que sempre dure,

e imprevidente vá consumindo o que existe, é claro que acabará morrendo á míngua!» E a êsse triste fim teríamos nós chegado, se em caminho não fôssemos detidos, não só pela palavra clara e convincente dos que previram terríveis dias para a nacionalidade, mas, e principalmente, por aqueles que, levados por essas mesmas apreensões, fazendo-nos parar, souberam nos conduzir e orientar-nos a novas trilhas, àquelas que, realmente, devíamos seguir.

GUIA DE PROTEÇÃO À NATUREZA BIOGEOGRAFIA DINÂMICA

A. J. de Sampaio, entre outros, pertence a êste segundo grupo, que, de par com suas inúmeras realizações no campo da prática, nos deu «*Fitogeografia*», obra magistral, preparando ambiente para nos presentear com «*Biogeografia Dinâmica*», a que acima nos referimos, o melhor guia, sem dúvida, de proteção à Natureza.

Os que não tiveram ainda oportunidade de lêr êste livro que procurem fazê-lo; é uma obra atraente, maravilhosa, educativa por excelência; nunca se está cansado de sua leitura, pois sempre em suas páginas encontramos oportunos ensinamentos, belíssimos versos de nossos grandes poetas, agradáveis e instrutivos trechos de prosa de consagrados escritores patrióticos. Em *Biogeografia Dinâmica*, a Ciência alia-se à Poesia para, de maneira a mais feliz, instruir e encantar. O autor toca fundamentalmente a alma sensível do brasileiro, indica-lhe o caminho a palmilhar e em seu trabalho aplica, em toda a extensão, a sentença de Humboldt: «E' mister que a Poesia se alie à Ciência e que esta se eleve até a Poesia». Foi Roquete Pinto, notável antropologista e ilustre prefacia-

dor dessa grande obra educativa, quem disse: «*Biogeografia Dinâmica* precisa ser um livro de todos os lares e de todas as escolas». Calcada nos são ensinamentos de Tôrres, ela estuda de modo interessante, vivaz, a natureza e o homem do Brasil. E' mister lembrarmos sempre de que *Biogeografia Dinâmica* é um guia seguro de Proteção aos nossos bens naturais. Dissemos, inicialmente, **prevenir**, no sentido de tudo fazerem para que seja evitado aos porvindouros o mal que nos legaram nossos antepassados. Protegendo as riquezas naturais do País, fazendo ver a quantos conosco vivem, a imperiosa necessidade dêsse cuidado, envidando esforços indispensáveis à conservação das reservas de que as gerações futuras hão de necessitar, estaremos, sim, realizando sã obra de patriotismo, pois teremos em vista não o nosso passageiro interesse mas a grandeza da Pátria, que é imperecível. Todos bem conhecem o ímpeto de destruição de nosso homem, ímpeto êsse ditado pela ignorância a alguns, pelo utilitarismo condenável que exclui do pensamento a preocupação pelo futuro, a outros. A todos êsses malfetores conscientes ou inconscientes, por parte dos Governos ou por particulares, vem sendo movida uma campanha intensiva, que infelizmente, ainda não é extensiva. Todos os meios têm sido empregados nessa realização de agigantado vulto. Somam-se à ação do Poder Público a dos cientistas, literatos e educadores.

VALIOSA A COLABORAÇÃO DO PROFESSOR

A colaboração do Professor é uma das mais eficientes, pois que a êle é dada a oportunidade de influir poderosamente nos espiritos em formação.

É por isso que A. J. de Sampaio, traçando normas, citando experiências, quando diz da cooperação da mulher brasileira, no setor da proteção à Natureza, apresenta já trabalhos, realizações notáveis, orientações seguras de educadores que já puzeram sua atividade a serviço da educação moderno. Urge também enfrentarmos a tarefa de reconstrução do que os ancestrais houveram por bem desbaratar. Não é empreitada de que se dê conta em pouco tempo; requer paciência, ação enérgica, constante, generalizada, animadora. Aqui, vemos estas zonas semi-desérticas, secas, temidas originariamente cobertas de florestas, ricas de húmus, regadas de rios, segundo o testemunho de inúmeros naturalistas que nos visitaram, e que não esconderam o assombro d'ante da destruição implacável de nossas florestas. Quantas espécies vegetais e animais condenadas ao desaparecimento em vista da destruição incessante e avalassadora do homem!

— O HOMEM, «ESSE FAZEDOR DE DESERTOS»

O grande Euclides da Cunha, na obra que o consagrou, ao descrever, com fidelidade incomparável a fisionomia desoladora dos sertões, mostra-nos que não é a natureza a criadora infalível de desertos. O homem, sim, tem empregado suas forças contra os elementos naturais da Terra. Afirma o grande sociólogo patricio que o homem, em nosso País, desde os primeiros tempos, vem desempenhando o papel de **fazedor de desertos**. A princípio, o fogo a serviço dos silvicultas, a esterilizar extensões sem fim de preciosas matas. Foi também empregando o fogo que o colonizador transmudou a selva em campos imen-

tos, instalando, ali, o regime pastoril. E, mais adiante, uniu-se ao fogo o não menos terrível machado. Impresionante e calamitosa a tarefa de nossos distantes irmãos do passado! Entretanto, é mesmo Euclides da Cunha quem afirma poder o homem que fez o deserto éle mesmo extingui-lo, reparando os erros primitivos. Cita o celebrizado autor de «OS SERTÕES» o edificante exemplo dos romanos na Tunísia, achando-se este em condições idênticas aos de nossos sertões. Ali, por meio de extensas redes de barragens, açudes e desvios conseguiram éles irrigar aquela zona até então ressequida e estéril, transformando-a em terra fértil por excelência, ao ponto de ser considerada «a terra clássica da agricultura». Com êxito, a França se valeu desse sistema, modificando apenas em algum ponto. No Brasil, segundo a valiosa opinião do ilustre geólogo brasileiro, essa tentativa daria resultado seguro. A Comissão encarregada das obras contra a Séca no Nordeste muito tem feito, seguindo a orientação tão sábia, achando-se o grave problema nacional em marcha para sua solução.

Podemos aquilatar, somente por este fato, entre muitos, quão funestas são as conseqüências da destruição das florestas, com muita propriedade chamadas por Alberto Tôres «as fontes de vida do Brasil».

Grande responsabilidade pesa sobre nós: **proteger, prevenir, reparar nossas riquezas naturais**. A colaboração de cada um será valiosa nessa campanha tão séria quão imperiosa, para o êxito da qual faz-se mister a atividade poderosa dos governos.

Ao imortal Coelho Neto devemos gratidão enorme, pois foi o grande amigo

da natureza quem criou na Câmara dos Deputados ambiente propício para que outros brasileiros notáveis organizassem o Serviço Florestal no Brasil. O projeto aprovado pelo Governo Federal foi transformado em lei por decreto nº 23.773, de 20 de janeiro de 1934.

Assim, temos o nosso Código Florestal e outros, visando todos a proteção de nossos bens naturais, tais sejam o Código de Caça e Pesca, Leis das Expedições Científicas e Artísticas, Código de Minas, etc.

Mas a simples existência dos Códigos nada representa se não são observados, cumpridos. A observância a essas leis depende de uma arregimentação extraordinária de elementos, e acha-se em função do grau de cultura de um povo.

Os propugnadores por essa campanha aconselham, pedem mesmo, aos cientistas vulgarizem seus ensinamentos de maneira a serem integrados no plano de educação.

Ao educador, por certo, é que cabe integrar essas noções nos programas de ensino, com habilidade e precisão. A ignorância em que vive o nosso homem rural, sem assistência técnica e sanitária, é um fator negativo à campanha pró conservação de nossas reservas naturais. E foi, justamente, meditando sobre esse magno problema que a Nova Constituição estabeleceu o ensino rural no País, pois somente a educação agrícola pode operar o milagre da volta do homem à natureza. Conhecendo os benefícios que dela advém, aprende o homem a amá-la e a respeitá-la.

Inútil será pensar em proteger a natureza, antes de preparar o homem que vive em contato íntimo com ela; perdidos serão todos os esforços do Go-

vérno e legislação enquanto o sertanejo permanecer na situação de despampado moral, intelectual e material em que, em grande parte, se encontra. Nos centros onde a escola rural exerce já sua benéfica ação sobre a mentalidade do sertanejo, as campanhas cujas finalidades são **proteger, prevenir e reparar** os nossos bens naturais, encontram ambiente propício e apresentam resultados animadores.

Exemplos não nos faltam a mostrar boa vontade, dedicação e amor à terra em nosso País. Quem, falando em reflorestamento, não se lembrará de Major Archer e da Tijuca, esse recanto poético e evocativo da ex-capital do País?

Leva-nos a Tijuca ainda a lembrar Humberto de Campos, um dos grandes amigos da natureza. E encontraremos sentimento e delicadeza comparáveis às inscrições do Professor Pedro Bruno vistas ao pé de velhas e respeitáveis árvores e nos mais belos recantos da sempre querida Paquetá, a «Ilha dos Amôres», do autor de «A Moreninha»?

A lição de Archer, reflorestando a Tijuca, demonstra a possibilidade de reparar as nossas falhas, transmudando os aspectos desoladores em recantos belíssimos. O Professor Bruno a cada momento lembra-nos o dever de respeitar as belezas naturais, através dos mais expressivos e harmoniosos versos de nossos poetas amigos da natureza. Quantas pessoas não se comoveram diante do amor e cuidados dispensados por Humberto de Campos, cronista tão querido de todos, ao seu cajueiro em Parnaíba, onde passou os primeiros anos de sua vida? Sob as mais variadas formas os amigos da natureza veem, no decorrer

dos tempos, prestando seu inestimável auxílio à conservação e proteção de nossas riquezas naturais. Mesmo de passagem desejamos fazer

Parque Nacional do Araguaia

A clarividência, prestígio e capacidade de trabalho do deputado goiano GERSON DE CASTRO COSTA, nosso Estado deve a criação, na vasta e bela Ilha do Bananal, do "PARQUE NACIONAL do Araguaia".

A Lei estadual, sob Nº 2.370 de 17-12-1958, autorizou o Poder Executivo a doar a Ilha do Bananal à União.

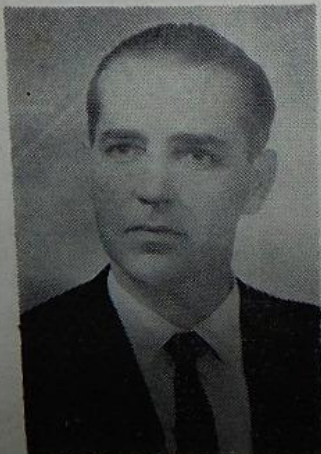
O projeto apresentado pelo Deputado Castro Costa e por êle brilhantemente defendido na Câmara Alta, mereceu a aprovação nas duas Casas do Congresso, tendo o Presidente Juscelino Kubitschek, a seguir, baixado o Decreto Nº 47.570, de 31-12-1950, criando o PARQUE NACIONAL DO ARAGUAIA, integrante da Secção de Par-

referência aos Parques Nacionais que visam a conservação da flora e fauna brasileiras, com a particularidade de serem franqueados ao público.

ques e Florestas Nacionais do Ministério da Agricultura.

O recente Decreto Nº 49.187, de 8 de novembro de 1960, assinado pelo Presidente JK, em Brasília, autorizou o Serviço do Patrimônio a aceitar a doação da Ilha do Bananal, no Estado de Goiás.

Assim, os nossos poucos remanescentes índios das já diminuídas tribus, a aquela rica e exuberante flora, a variedade enorme de peixes, e outros representantes da fauna da antiga Ilha de Sant'Ana, as belas e multicoloridas aves do magestoso Araguaia o berço dos Carajás — serão assistidos e preservados, como um patrimônio valioso de Goiás, essa unidade expressiva do Centro-Oeste do Brasil.



Deputado CASTRO COSTA, representante do povo goiano na Câmara Alta autor do vitorioso projeto de criação do Parque Nacional do Araguaia.

INAUGURADO GRUPO ESCOLAR "PIO XII"

Com a presença do Sr. Governador do Estado, Sr. José Feliciano Ferreira, do Arcebispo Metropolitano, D. Fernando Gomes dos Santos, do Secretário do Interior e Justiça, Sr. Eliézer Penna, do Secretário de Educação, Professor José Pereira Pinto, do Secretário

de Obras Públicas, Sr. Ribamar de Menezes, do Major Melo e Cunha, Chefe da Casa Civil da Governadoria, do Professor Iron da Rocha Lima, Diretor do ensino do 2º grau, do Prefeito Municipal, Sr. Jaime Câmara, Professora D. Maria de Lourdes da Silva A-



O Governador JOSÉ FELICIANO FERREIRA desata a fita simbólica na inauguração do Grupo Escolar "PIO XII".

rantes, Diretora da Divisão do Ensino Primário e da Professora D. Elza Baiocchi Pimenta, Diretora do Ensino Primário Municipal, foi realizada a solenidade de inauguração do Grupo Escolar "PIO XII", às 17 horas do dia 25 de Agosto próximo passado. Inicialmente, usou da palavra o Sr.

Arcebispo, traçando o perfil do falecido papa Pio XII; em seguida, falou a Diretora do Grupo, Professora Marília Machado de Aguiar; em nome dos habitantes do bairro falou o Sr. Eliezer Penna e, finalmente, D. Maria de Lourdes da Silva Arantes.



Quando da inauguração do Grupo Escolar "PIO XII", o Governador José Feliciano Ferreira; Dom Fernando, Arcebispo Metropolitano; Prefeito Jaime Câmara; Prof. Iron da Rocha Lima, representando o Secretário de Educação e Cultura; Dona Maria de L. da Silva Arantes, Diretora da DEP; Sra. Elza Baiocchi Pimenta, Diretora do Ensino Municipal; Professora Marília Machado de Aguiar, Diretora do Grupo "PIO XII"; Professora Amália Hermans Teixeira, Diretora desta Revista.

DISCURSO DA DIRETORA MARILIA MACHADO DE AGUIAR:

Exmo. Sr. Dr. José Feliciano Ferreira, ilustre Governador do Estado; Excia. Revma. D. Fernando Gomes dos Santos, DD. Arcebispo de Goiânia; Exmo. Sr. Dr. Iron da Rocha Lima, mui digno representante do Sr. Secretário da Educação; Exmo. Sr. Eliézer Penna, D.D. Secretário do Interior e Justiça; Exmo. Sr. Dr. José Ribamar Menezes, D.D. Secretário de Viação e Obras Públicas; Exmo. Sr. Jaime Câmara, Prefeito Municipal de Goiânia; Exma. Sra. D. Maria de Lourdes Silva Arantes, D.D. Diretora da Divisão do Ensino Primário de Goiás; Exma. Sra. D. Elza Baiocchi Pimenta, D.D. Diretora Sra. Dra. Amália Hermans Teixeira, eficiente Diretora da Revista de Educação, demais autoridades aqui presentes; Exmos. Senhores; Exmas. Senhoras.

Cada ato de inauguração das instalações de uma nova escola, apresenta um profundo significado, que ultrapassa a festiva solenidade com que mui justamente se comemora o evento — é marco importante na vida cultural de um povo.

Estamos inaugurando o Grupo Escolar "Pio XII", "uma das casas de instrução que o preclaro Governador José Feliciano está mandando plantar em todo o Estado.

Não o vemos como obra acabada, nem como missão cumprida Na verdade,

ao colocá-lo ao serviço do povo, estamos assumindo compromissos diferentes dos que já foram transpostos. São agora compromissos de instruir toda uma geração de amanhã.

Nesse êxito, caras colegas professoras, será medido na proporção dos resultados positivos que tenhamos obtido neste sentido, para cuja realização estamos incessantemente aplicando, em grau crescente, os nossos melhores esforços, na mais pura inspiração cívica.

Estaremos, dessa maneira, compartilhando a obra meritória de S. Excia., o Governador da instrução, que está tornando realidade, em seu governo, o pensamento de D. Bosco, o profeta de Brasília, quando disse que "Educar é amar", pois as escolas de José Feliciano são poemas de amor que brotam de sua bela alma de homem culto e de altas aspirações.

Meus alunos:

Uma lenda antiga nos conta que existiu outrora, em Babilônia — a famosa cidade dos jardins suspensos — um humilde alfaiate chamado Enedim, que não perdia a esperança de vir a ser rico um dia.

Como conquistar, porém, essa riqueza que fazia Enedim sonhar de olhos abertos, sendo ele tão pobre, um misero remediado? ... Como descobrir um desses tesouros encantados, perdidos nas profundidades dos mares ou es-

condidos no seio da terra? Estava assim meditando o bondoso Enedim, quando lhe parou à porta de casa um velho mercador.

Por mera curiosidade, começou ele a examinar aquelas bolas de vidro, pedras coloridas, caixas de ébano e uma variedade infinita de outros objetos extravagantes que o vendedor lhe oferecia, quando deparou, entre elas, com um livro de muitas fôlhas, onde se viam caracteres estranhos e desconhecidos.

— É uma preciosidade este livro — afirmava aquêle homem misterioso, e quem conseguir lê-lo, até a última página, poderá, à semelhança d'esses aventureiros felizes, descobrir tesouros fabulosos e tornar-se mais poderoso que todos os reis da terra.

Para conseguir objeto tão curioso e raro, Enedim sacrificou as moedas que ganhara em um dia de árduo trabalho. Qual não foi sua surpresa, quando conseguiu decifrar, na primeira página a seguinte legenda, vasada em linguagem caldaica: "O segrêdo do tesouro de Bresa". Aquêlê livro maravilhoso, cheio de mistério, ensinava, por certo, onde se encontrava algum tesouro fabuloso, o tesouro de Bresa!

E foi com o coração batendo descompassadamente, que Enedim decifrou ainda: "O tesouro de Bresa, enterrado pelo gênio do mesmo nome, entre as montanhas de Harbatol, foi ali esquecido e ali se encontra ainda até que algum homem esforçado venha a encontrá-lo".

Harbatol! Que montanhas seriam essas que encerravam todo o ouro de um gênio?

E o esforçado alfaiate dispôs-se a decifrar tôdas as palavras daquele livro, a ver se atinava com o segrêdo de Bresa. As primeiras páginas eram escritas

em linguas estranhas de vários povos, assim, Enedim foi obrigado a estudar a lingua dos gregos, os dialetos de Tinha razão o velho sacerdote, meus queridos alunos: Ao cabo de três anos, deixava Enedim a humilde condição em que vivia para ser intérprete do rei, pois não havia na cidade quem conhecesse os seus idiomas estrangeiros.

Mesmo assim, já ocupando brilhante e rendosa profissão, Enedim continuava buscando o segrêdo de quele livro. Para compreendê-lo, teve que estudar ainda Matemática e outras ciências. E teve que estudar profundamente a gramática de "Pio XII" com suas salas de aulas espaçosas e alegres, onde — quem sabe? — grandes homens do amanhã irão aprender agora as primeiras palavras do livro de Bresa, está nascendo agora, sob as bênçãos de nosso amado Arcebispo e a palavra de S. Excia. o Governador "Semeador de Escolas".

A todos aquêles que, ocupando postos em todos os escalões, dos mais qualificadados aos mais humildes, tiveram o ensejo de auxiliar de qualquer modo a construção e a instalação d'este Educandário, a comovida homenagem e perene gratidão da criança pobre d'este bairro.

A imprensa falada e escrita que, diariamente, derrama na mente do povo milhares de palavras e de idéias e a cuja crítica construtiva se devem os estímulos necessários ao rendimento e à eficiência de qualquer ramo da atividade humana, a nossa saudação e nosso agradecimento.

Particularmente, às professôras, companheiras de luta diária, a minha fraterna saudação neste momento, que não podemos festejar senão provisoriamente, porque êle é, apenas, o prenúncio de responsabilidades maiores e mais graves que nos aguardarão daqui por diante.

Com estudo e trabalho pode o homem conquistar tesouros maiores do que os que se ocultam no seio da terra"

Tinha razão o velho sacerdote, meus queridos alunos: Ao cabo de três anos, deixava Enedim a humilde condição em que vivia para ser intérprete do rei, pois não havia na cidade quem conhecesse os seus idiomas estrangeiros.

os que se ocultam no seio da terra"

Tinha razão o velho sacerdote, meus queridos alunos: Ao cabo de três anos, deixava Enedim a humilde condição em que vivia para ser intérprete do rei, pois não havia na cidade quem conhecesse os seus idiomas estrangeiros.

Mesmo assim, já ocupando brilhante e rendosa profissão, Enedim continuava buscando o segrêdo de quele livro. Para compreendê-lo, teve que estudar ainda Matemática e outras ciências. E teve que estudar profundamente a gramática de "Pio XII" com suas salas de aulas espaçosas e alegres, onde — quem sabe? — grandes homens do amanhã irão aprender agora as primeiras palavras do livro de Bresa, está nascendo agora, sob as bênçãos de nosso amado Arcebispo e a palavra de S. Excia. o Governador "Semeador de Escolas".

A todos aquêles que, ocupando postos em todos os escalões, dos mais qualificadados aos mais humildes, tiveram o ensejo de auxiliar de qualquer modo a construção e a instalação d'este Educandário, a comovida homenagem e perene gratidão da criança pobre d'este bairro.

A imprensa falada e escrita que, diariamente, derrama na mente do povo milhares de palavras e de idéias e a cuja crítica construtiva se devem os estímulos necessários ao rendimento e à eficiência de qualquer ramo da atividade humana, a nossa saudação e nosso agradecimento.

Particularmente, às professôras, companheiras de luta diária, a minha fraterna saudação neste momento, que não podemos festejar senão provisoriamente, porque êle é, apenas, o prenúncio de responsabilidades maiores e mais graves que nos aguardarão daqui por diante.

Com estudo e trabalho pode o homem conquistar tesouros maiores do que os que se ocultam no seio da terra"

Para que se constrói um barco?

— Para sulcar a água. E um avião?

Para que vôe. Para que se forma um homem, caras colegas professôras? Para que caminhe pelo mundo, com firmeza, segurança e dignidade.

O homem verdadeiramente bem formado caminha entre vícios, tentações e perigos, sem neles tropeçar assim como o gato que, tranqüilo e seguro, caminha, sem cair, pelas beiradas dos mais altos telhados.

Agradecendo a presença das altas autoridades, dos convidados especiais e de quantos, amavelmente, aqui vieram, terminamos com a promessa singular, porém, firme, de bem servir com eficiência. Este tem sido o nosso lema. E este será sempre o lema do nosso "Pio XII".

A D. Maria de Lourdes Silva Arantes, mulher forte do Evangelho, que "não come o pão na ociosidade" e "abre a boca com sabedoria", nossa saudação especial, afetuosa e amiga.

As soluções que a nossa querida Diretora da Divisão do Ensino Primário dá aos problemas que lhe apresentamos não vêem explanadas de maneira dogmática, como quem diz a última palavra sobre o assunto, e, sim, na forma às vêzes de uma interrogação risonha, convencendo-nos através do seu suave poder de persuasão.

Tendo a fôrça de uma árvore frondosa a cuja sombra o professorado de Goiás encontra sempre paz e segurança é, ao mesmo tempo, uma flor delicada, tôda entretecida de bondade e doçura.

Eis porque o ensino primário em Goiás está vivendo a sua idade de ouro, sob a orientação dessa grande dama, colaboradora preciosa do Sr. Secretário, Dr. José Pereira Pinto, no setor da Educação.

Essas flores falarão melhor da nossa admiração e do nosso carinho.

As senhorinhas Maria Lucy Ferreira e Auristela Abalém, orientadoras dedicadas, ora levando em jornada pedagógica melhorias para o Ensino Primário no interior, companheiras eficientes nas primeiras providências para a organização e funcionamento do nosso "Pio XII", nossa mensagem de reconhecimento e simpatia.

Ao Dr. Rubens Carneiro dos Santos, Inspetor Regional do I.B.G.E. de Goiás, cujos gentis oferecimentos ao nosso Grupo ainda pobre de material didático nos tem possibilitado ilustrar melhor nossas aulas de Geografia, a homenagem agradecida do nosso Estabelecimento de Ensino.

Terminando, digo mais uma vez que servir bem será o nosso lema.

Somente desta maneira estaremos efetivamente correspondendo ao acesso de progresso que, em toda a hora, transmite o preclaro Governador José Feliciano Ferreira e para cuja concretização tem S. Excia. dado o seu decisivo e substancial apóio, material e moral: a construção de Educandário é, realmente, uma tarefa cívica e um serviço público do mais alto alcance social, desde que "a construção de um Brasil maior requer algo mais do que concreto e aço:

— Requer maior ênfase na educação do povo".

Servir este ideal, é servir à Goiás e ao Brasil!

NA VILA COIMBRA GRUPO ESCOLAR «JUSCELINO KUBITSCHKE»



A 25 de Agosto próximo passado, na Vila Coimbra, teve lugar a inauguração do Grupo Escolar "Juscelino Kubitschek", às 18 horas, com a presença das seguintes autoridades: Governador José Feliciano Ferreira, do Secretário do Interior e Justiça, Sr. Eliézer Penna, do Secretário de Obras Públicas, Sr. José Ribamar Menezes, do Major Melo e Cunha,

Chefe da Casa Civil da Governadoria, do Professor Iron de Rocha Lima, Diretor do Ensino do Segundo Grau, do Prefeito Municipal, Sr. Jaime Câmara, da Professora D. Maria de Lourdes da Silva Arantes, Diretora da Divisão do Ensino Primário, da Professora Elza Baiocchi Pimenta, Diretora do Ensino Primário Municipal e da Diretora desta Revista.



PROGRAMA DOS FESTEJOS DE INAUGURAÇÃO DO GRUPO ESCOLAR «JUSCELINO KUBITSCHKE»

- 1) Recepção ao Sr. Governador do Estado, apresentação do corpo docente, visita às dependências do Grupo; posse do Grêmio pelo Governador;
- 2) Sessão solene (abertura); Homenagem ao Prefeito;
- 3) Formação da Mesa e desfile dos alunos;
- 4) Discurso da Diretora, Professora Maria Augusta Abbud; homenagem à D. Elza Baiocchi Pimenta.

- 5) Palavras do orador do corpo docente, Professor Osmar Siqueira;
- 6) Discurso da representante do corpo discente, aluna Dalva Reis Preuss;
- 7) Palavra livre: Marco Antônio da Silva Lemos, 5º Anista do Grupo Campinas; Discurso do Governador do Estado;
- 8) Encerramento com o Hino Nacional e O Grêmio "José Feliciano Ferreira".



A mesa que presidiu à inauguração do Grupo Escolar "JUSCELINO KUBITSCHKE", na Vila Coimbra.

empossou sua Diretoria, ficando assim constituída: Presidente: Orlando Bastião dos Santos; Vice-Presidente: Wanderley Pereira Leal; 1º Secretário: Vánaí Reis Preuss; 2º Secretário: Celina Rodrigues Carneiro; 1º Tesoureiro: Osvaldo da Silva; 2º Tesoureiro: Sebastiana Flor de Oliveira; Oradora: Valda Reis Preuss;

A oportunidade, foi instalado o Pelotão

DISCURSO DA SUPERINTENDENTE ELZA BAIOCHI PIMENTA:

Hoje é um dia de festa para todos nós.

Jamais serão relegados ao esquecimento momentos como este, que representam a coragem, a dedicação, o entusiasmo de todos aqueles que emprestaram o melhor de seus esforços, no sentido de que fosse coroada de pleno êxito esta festividade de inauguração.

Momentos como estes representam nomes e ações que devem ser lembrados. Ressaltemos, aqui, como um dever de justiça, o devotamento, as ações, os atos relevantes que desempenharam estas personalidades no setor educacional.

Deixemos patente e bem claro, nesta solenidade, o sentimento de gratidão a tão ilustres administradores. Seríamos ingratos se não reconhecêssemos o interesse, a dedicação à causa do ensino do Sr. Governador José Feliciano Ferreira; se não aplaudíssemos, rubilosos, o grande amigo da educação.

O Grupo Escolar "Juscelino Kubitschke de Oliveira," um dos 8 modelares prédios recém-construídos em

Goiânia pelo atual Governador e que atende, no momento 500 escolares, assistidos por professores municipais, foi gentilmente cedido à municipalidade pelo eminente Governador goiano, Sr. José Feliciano Ferreira, que, reconhecendo a necessidade impenhosa da difusão do ensino em nosso Estado e Município, vem cooperando com o Chefe do Executivo Municipal, no sentido de oferecer amparo e assistência ao estudante primário.

Esses novos Estabelecimentos escolares, espalhados pelos diversos setores desta Capital, oferecem benefícios inestimáveis às famílias goianienses, que, assistidas em seus próprios bairros, não terão mais os momentos angustiosos por elas sofridos, quando buscando as escolas distantes, colocavam em risco seus queridos filhos, deslocando-os do meio em que vivem, acarretando-lhes o cansaço físico e, conseqüentemente, desinteressando-os pelos estudos.

Grças vos damos, Sr. Governador, por tão alto e nobre empreendimento.

\$\$\$\$\$

O Sr. Prefeito Jaime Câmara, a mão

que auxilia e orienta a educação primária municipal, tem enfrentado a grande batalha contra o analfabetismo. Criando novas escolas, interessando-se de maneira admirável pelos múltiplos problemas educacionais e solucionando-os de forma consagrada, abriu novas perspectivas para o magistério em nossa Capital.

Hoje podemos dizer, sem medo de errar, que as Escolas Primárias Municipais se equiparam às melhores do Estado e às do País, graças ao apóio incondicional do nosso estimado Prefeito, Sr. Jaime Câmara, apoio êste que, diga-se de passagem, nunca nos faltou para a execução daquilo que se fez necessário para o aprimoramento do ensino na municipalidade.

§§§§§

Queremos deixar claro que aos mestres municipais devemos grande parte da vitória alcançada, no soerguimento das nossas escolas, pois tal realização não seria possível se não

contássemos com o apóio integral, substanciado no louvável espírito de solidariedade dos abnegados educadores.

Quando dos meus primeiros dias como Superintendente do Ensino Primário Municipal, pudemos verificar que havia em minhas colegas uma grande vontade de se expandirem no campo educacional; planejamos, então, dar-lhes oportunidades para tanto, o que se verificou depois foi realmente animador!

Numa eclosão do que de mais intenso tinham dentro de si, que é o sentimento que caracteriza todo professor idealista, puzeram-se em campo, largando luzes de sabedoria, doando aos seus discípulos o que de melhor tinham dentro de si, e o resultado nos hoje, quando visitamos as nossas escolas, quando podemos ler nos olhos cintilantes de gratidão e alegria de seus alunos, o trabalho edificado de minutos, horas, dias, meses de cessante atividade.

Pela destacada atuação à frente da pasta que excelentemente dirige, não seríamos justos se não citássemos, nesta oportunidade, a pessoa reconhecidamente idealista e dinâmica que é a Sra. Maria de Lourdes Silva Arantes. Dona. Quita, muitas vezes pessoalmente, ou por intermédio de suas orientadoras, nas valorosas «Jornadas Pedagógicas» pelo interior do Estado e na Capital, foi a voz despertando seu professorado, convidando-o a contemplar o majestoso cenário que se descortinava no claro e luminoso horizonte, cujos raios mostravam novos e promissôres rumos à nobre missão de ensinar.

E, para que os presentes possam avaliar o trabalho que vem fazendo Dona. Quita em prol da instrução primária de nosso Estado, mistér se torna dizer que todos os municípios goianos, sem exceção, receberam a visita dos técnicos orientadores do ensino, visando única e exclusivamente a introdução nas escolas, de novas técnicas pedagógicas que proporcionassem aos educadores o método prático e eficaz de se ministrar aulas.

§§§§§

Tudo o que foi sentido e dito por mim até o momento é do conhecimento público e é certo que os dias vindouros trarão a estas ilustres personalidades o nosso reconhecimento.

§§§§§

Este Grupo Escolar, que recebeu o nome do DD. Presidente da República,

ENCERRAMENTO

Encerrou a solenidade o Governador José Feliciano Ferreira, entregando o prédio escolar, construído pelo Estado (S.V.O.P.), à Prefeitura que se encarregará de sua manutenção e funciona-

ção, Dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira, e que abriu as suas portas acolhendo as crianças deste Bairro. é o testemunho vivo, vibrante, de que está amparado pelos poderes competentes. E a retribuição que podemos oferecer a êsse amparo é, em conjunto, diretores, mestres e alunos, fazerem desta casa um verdadeiro templo do saber.

Certos estamos de que a competência e a dedicação dos mestres, aliados ao desejo de aprimoramento por parte dos alunos, corresponderão plenamente à expectativa de nossos dirigentes.

Na pequena e amorosa carta que recebi do Pelotão de Saúde desta Escola, os queridos alunos que a compunham, externavam o seu sincero agradecimento pelo que fiz em benefício do Ensino Primário em nossa cidade. Não creio, sem falsa modéstia, ter feito mais do que me foi ditado pela consciência do dever e pela obrigação de servir. E, frente à magnífica honraria que me foi tributada, qual seja a de emprestar o meu nome a essa realização, são minhas as palavras de agradecimento, sem saber mesmo como dizer do meu contentamento ao sentir tanta bondade em corações tão pequenos.

Obrigada, queridos alunos. E, ao agradecer essa maravilhosa distinção, só me resta afirmar-lhes que, até quando as minhas forças o permitirem, estarei inteiramente dedicada à causa do ensino em nossa Capital.

mento, enaltecendo a colaboração do Prefeito Sr. Jaime Câmara e da Professora Elza Baiocchi Pimenta, prestada ao Estado no setor educacional.



Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC)

Visitou Goiânia em Outubro deste ano, a Srta. MARIA JULIETA SEBASTIANI ORMASTRONI, Secretária Executiva do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC) UNESCO, Secção de São Paulo, oportunidade em que o Governador Sr. José Feliciano Ferreira secundado pelo Secretário de Educação e Cultura, em exercício, Prof. Iron da Rocha Lima, adquiriu material científico para o 1º e 2º ciclos dos Cursos Médios do Estado. Revista de Educação entrevistou a ilustre, dedicada e dinâmica Secretária Executiva do IBECC.

PERGUNTA — Quando foi fundado o IBECC? Qual sua finalidade?

RESPOSTA — O Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura foi criado por Decreto Federal em 1946; para cumprir compromissos assumidos pelo Governo Federal no exterior, tem este Órgão a finalidade de desenvolver o programa da UNESCO em nosso País.

A Comissão Nacional funciona junto ao Ministério das Relações Exteriores e por força de sua criação o Secretário Geral do IBECC é o próprio Secretário do referido Ministério. A Comissão Nacional desenvolve o programa: Ciências Sociais e Folclore.

PERGUNTA — Mantem o IBECC seções nos Estados?

RESPOSTA — A Secção de São Paulo do IBECC (UNESCO) foi criada por

solicitação do Senhor Governador do Estado, junto à Universidade de São Paulo, em 2 de março de 1950. Nos fins daquele ano o Diretor da Faculdade de Medicina da U.S.P. ofereceu algumas salas para a instalação do Instituto.

O programa que o IBECC de São Paulo se propôs foi o da melhoria do Ensino de Ciências em nossas escolas.

Iniciou com um Clube de Ciências e sua sede que depois, para ter uma ação maior transformou-se em fabricação de "kits" — laboratórios portáteis onde os jovens poderiam encontrar material e drogas necessárias para suas iniciações nas pesquisas recebendo para tanto orientação através de jornais especialmente preparados para eles. Cerca de 10.000 jovens, no território brasileiro têm um "kit" para seus trabalhos individuais de pesquisas. Desde 1954 o IBECC (UNESCO) de São Paulo fornece equipamento para o ensino experimental de Ciências, destinado aos professores dos cursos médios e superiores.

Este equipamento fabricado pelo IBECC resulta de cuidadosa pesquisa do ponto de vista pedagógico e didático, constituindo, portanto, conjuntos originais.

PERGUNTA — Que visa o IBECC a fornecer material científico aos estabelecimentos de ensino?

RESPOSTA — O material é fornecido a preço de custo, pois esta Instituição

não tem fins lucrativos, permitindo apresentar um equipamento extraordinariamente económico. Em sua primeira fase, já equipou cerca de 2.000 escolas, do Amazonas à Santa Maria no R.G. do Sul com material de demonstração e experimentação, encontrando-se, portanto, o País, com estabelecimentos em condições de dar a seus alunos a oportunidade de aprender, fazendo.

Todo o material é acompanhado da remessa contínua e permanente de instruções, além de publicações periódicas para experiências de Física, Química, História Natural e Ciências. **PERGUNTA** — O Governo de Goiás adquiriu material científico para suas escolas?

RESPOSTA — Recentemente o Senhor Governador do Estado de Goiás adquiriu para os Estabelecimentos oficiais do Estado material científico para o 1º e 2º ciclos dos cursos médios. Sua Excia. quiz prover os mesmos não só do material para o ensino básico da Física, por exemplo, como Mecânica, Eletricidade, Termologia Acústica, Ótica, etc. como também procurou adquirir material para um ensino mais avançado, mais atual, como a Radioatividade e a Física Atômica. Tendo adquirido modelo dinâmico de oxigênio, água, etc. e aparelhos de Geiger, com integrador e autocalante para determinação de minerais radioativos. A parte de Química com sua vidraria especializada e drogas necessárias para reações e material necessário para o ensino de Biologia, que além do material necessário para dissecação e montagem e coloração de lâminas, pois se destina exclusivamente ao estudo de materiais vivos, Microscópios nacio-

nais fabricados de acordo com a orientação do IBECC para o nosso ensino. O Senhor Governador está providenciando para que os estabelecimentos tenham o máximo de material necessário sendo que diversos Colégios do Estado de Goiás terão mesmo cerca de 20 microscópios num só estabelecimento, dando assim oportunidade para que toda uma classe trabalhe ao mesmo tempo.

PERGUNTA — Para o emprego desse material ministra o IBECC orientação necessária?

RESPOSTA — O IBECC através do Centro de Aperfeiçoamento de Técnicas do Ensino de Ciências, órgão mantido pela CADES, vem dando aos professores de ciências do Brasil, cursos com seu material.

O Senhor Governador do Estado está entrando em entendimentos com o IBECC para que no próximo mês de janeiro, durante 8 dias, tenham os professores goianos cursos com professores daquele Instituto. Os Cursos seriam eminentemente práticos.

Resultando de esforços de especialistas em ensino, aliados à experiências de destacados cientistas e professores universitários, este material traz uma modificação real nos métodos e nos fins do ensino das Ciências.

PERGUNTA — Em que consiste o «Concurso Científico de Amanhã»? Deu participação estudante goiano?

RESPOSTA — Tem o IBECC o já conhecido «Concurso Cientistas de Amanhã» patrocinado pelas organizações Novo Mundo - Vemag; o próximo ano será o VIº e se realizará em Belo Horizonte. Todos os jovens com menos de 19 anos podem concorrer

com um trabalho original no campo da Física, Química, História Natural e Matemática. No II Concurso concorreu o jovem goiano, Marcos Antonio da Rocha Lima, com um trabalho de eletrônica. Sabemos que este jovem continua suas pesquisas e que irá apresentar novo trabalho para o próximo Concurso.

Recebem para o Concurso trabalhos de jovens de todo o Brasil; destes são selecionados por cientistas especializados, 10. Estes são considerados finalistas. Os finalistas ganham viagem e estada paga no local onde se realiza o Congresso da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência; ali, além do contato com os cientistas de hoje, são entrevistados por outro grupo de especialistas e escolhidos os três vencedores, que receberão prêmios de Cr\$ 50.000,00, 40.000,00 e 30.000,00, respectivamente.

Os professores de cadeiras científicas de colégios e ginásios também podem se inscrever com o seu currículo e há prêmio de viagem e estada paga para 3 professores finalistas e prêmio de Cr\$ 50.000,00 para aquele que fez refletir em seus alunos o melhor ensino de ciências, durante os últimos anos.

Esperamos que Goiás com o ensino objetivo e experimental que o Senhor Governador está preparando para seus filhos, a dedicação e espírito progressista do Dr. Iron da Rocha Lima, o impulso do dr. Miguel Cleto, tenha jovens e professores classificados entre os Cientistas de Amanhã, e que contribua com técnicos e cientistas para as nossas urgentes necessidades pois o Brasil todo está com suas vistas voltadas para o povo goiano.



7 DE SETEMBRO EM GOIÂNIA: IMPONENTE PARADA ESCOLAR

Na clara manhã goianiense centenas e centenas de escolares envergando seus vistosos uniformes olímpicos, ao som das fanfarras, desfilaram pelas avenidas da jovem Capital.

Frente à estátua do Anhangüera, o

Governador José Feliciano Ferreira, acompanhado de outras autoridades estaduais e federais, apreciaram o majestoso desfile com que a mocidade do oeste comemorava a data da independência do Brasil.



O Governador do Estado e autoridades militares em continência à Bandeira.



Curso Primário de Aplicação do Instituto de Educação de Goiás.



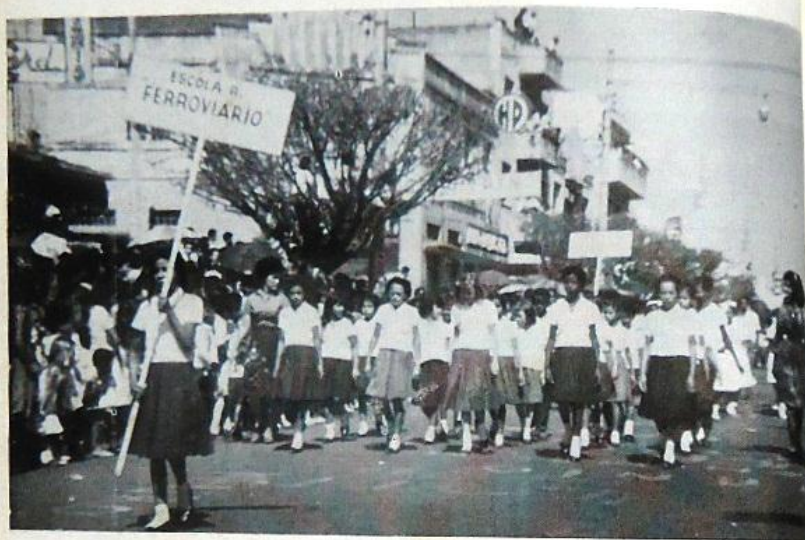
Grupo Escolar "VASCO DOS REIS"



Colégio Estadual de Goiânia



Grupo Escolar "MURILO BRAGA"



Escola Rural "FERROVIÁRIO"



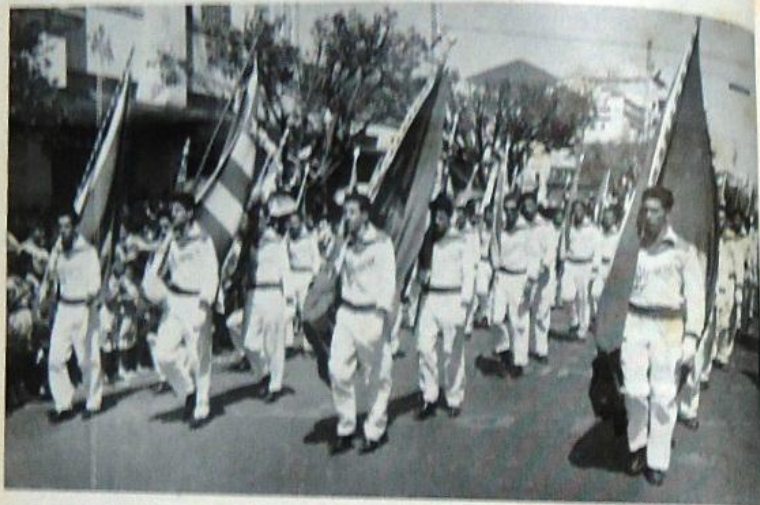
Colégio "Sto. AGOSTINHO"



Colégio "SANTA CLARA"



INSTITUTO "ASSUNÇÃO"



Aterreu "DOM BOSCO"



Escolas Reunidas "DOM ABEL" (APTA)



Instituto Araguaia



Escola da Associação Trabalhista

Notícias

Semana da Árvore

1ª Exposição Florestal Regional

Plantio de Árvores no Bosque dos Buritis

A comissão organizadora das comemorações da Semana da Árvore, de 1960, ficou assim constituída:

Dr. Humberto de Miranda Bastos
Ministério da Agricultura — Serviço Florestal — 6ª Inspetoria Regional — Representando a Campanha de Educação Florestal.

Maria de Lourdes Arantes
Diretora da Divisão do Ensino Primário Estadual — Representando a Secretaria de Estado da 'Educação e Cultura.

Elza Baiocchi Pimenta
Superintendente do Ensino Primário Municipal — Representando a Prefeitura Municipal de Goiânia.

PRIMEIRA EXPOSIÇÃO FLORESTAL REGIONAL

A 6ª Inspetoria Regional Florestal, dirigida nesta Capital pelo Dr. Humberto Miranda Bastos, em nome do Diretor do Serviço Florestal do Ministério da Agricultura, organizou a 1ª Exposição Florestal Regional, solenemente inaugurada, com a presença de altas autoridades federais, estaduais e municipais e numerosa assistência, no dia 17 de Setembro, às 20 horas, á Rua 23, no edificio do IAPB. A bela exposição que permaneceu aberta ao público por muitos dias, foi muito visitada.

PROGRAMA

- Inauguração da Exposição pelo Diretor do Serviço Florestal, Dr. Manoel Carneiro de Albuquerque Filho, representando o Exmº Excia. Rexma o Sr. D. Fernando Gomes dos Santos, DD. Arcebispo de Goiânia.
- Bênção da Exposição por S. Revma. o Sr. D. Fernando Gomes dos Santos, DD. Arcebispo de Goiânia.
- Oração pelo orador oficial da solenidade, Dr. José Pereira Pinto, Secretário de Estado da Educação e Cultura.
- Visita à Exposição Florestal Regional.

PLANTIO DE ÁRVORE NO BOSQUE DOS BURITIS

A COMISSÃO organizadora das comemorações da Semana da Árvore fez realizar no dia 21 de Setembro, ás 9 horas, no Bosque dos Buritis, bela e significativa solenidade, quando autoridades federais, estaduais e municipais plantaram árvores, enriquecendo aquêlo logradouro público.



Cavalaria da Polícia Militar

... "Dona Leopoldina e José Bonifácio recomendavam a D. Pedro que processasse a independência o mais cedo possível. Sanguíneo, revoltado, D. Pedro reuniu-se à guarda de honra que o acompanhava e, arrancando os laços de côres portuguesas, bradou: "Laços fora, soldados! Camaradas, as Côrtes de Lisboa querem mesmo es-

cravar o Brasil: cumpre portanto, declarar a sua independência. Estamos definitivamente separados de Portugal".

Sua espada nua rebrilhou ao sol daquela tarde de 7 de setembro de 1822. "INDEPENDÊNCIA OU MORTE seja nossa divisa: o verde e o amarelo, nossas côres nacionais".

(História do Brasil, de Ary da Matta — 4ª série ginásial).

**BRILHANTE
ENGENHEIRANDO
GOIANO**



Engenheirando Irapuam Costa Júnior

Do Estado da Guanabara nos chega notícia de que o goiano IRAPUAM COSTA JUNIOR, da turma de Engenheirandos de 1960 da Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil, aperfeiçoamento Estruturas, terminará seu curso com raro brilhantismo.

Além Irapuam, desde o curso primário, feito sob os cuidados da conceituada mestra Maria Camargo, e no Colégio Estadual de Goiânia, obteve os primeiros lugares, alçando inteligência privilegiada a dedicação aos estudos.

cursando os dois últimos anos do Científico no Rio de Janeiro, lá se matriculou na Escola Nacional de Enge-

nharia, aí destacando-se tanto no trabalho seu publicado em «ESTRUTURA», Revista Técnica das Construções, N.º 22, 1959, ano 3, vol. 3, páginas 537 — 545, sob o título «A Inabilidade nas estruturas submetidas à Compressão simples».

Vale ressaltar que «ESTRUTURA», mente publica estudos de mestres técnicos de reconhecido valor. Além desse trabalho a Revista «Ampliable Phi», órgão do Diretório Amigo da Escola de Engenharia Brasil Central, publicou o artigo técnico de Irapuam, intitulado «Glossário da Revista de Engenharia CTC — Estrutura Técnica e Ciência divulgando artigo «Aplicação do Método de Rayleigh para cálculo das penas próprias de vibração», em fase de preparo tem «Timoshenko, dados técnicos e contribuição para a resiliência dos materiais».

Antes mesmo de terminar seu curso Irapuam já desempenha funções como, tais como: estagiário da CELG, Central Elétrica de Goiás S.A., auxiliar de Engenheiro no projeto de obras de «Tróleu Bus» para o Rio Janeiro, obra a cargo da SANE, Sul Americana de Eletrificação, é estagiário do Laboratório de Resistência dos Materiais da Escola Nacional de Engenharia; exerce atualmente funções de Auxiliar de Engenheiro, cálculo de edifícios e residências, Estados da Guanabara e Rio de Janeiro e no cálculo da matriz de Francisco de Bórga, no Rio Grande Sul, obras a cargo de SART, Engenharia, Arquitetura e Construções.

REVISTA DE EDUCAÇÃO, prestamente, felicitamos o jovem Engenheiro goiano e seus pais, Irapuam Costa e Professora Raimunda Queiroz Costa.

**PRIMEIRO LUGAR PARA ALUNA
GOIANA
CONCURSO SOBRE O "DIA DO PAI"**

COLEGIO "SACRE COEUR DE JESUS" — ESTADO DA GUANABARA

Anualmente, o Colégio "Sacré Coeur de Jesus", do Estado da Guanabara, realiza concurso entre suas alunas, por ocasião das comemorações do "Dia do Papai". Coube, este ano, o primeiro lugar, à inteligente e graciosa goiana **SONIA XAVIER DE ALMEIDA BORGES**, da 4.ª série ginasial daquele educandário.

A composição de Sônia, sob o título «OBRIGADA, PAPAÍ», revela, além de inteligência, originalidade, finura de espírito, acentuada profundidade emocional.

Felicitando os pais de Sônia, Dr. Orlando Borges Leão e Professora D. Elizabeth Xavier de Almeida Borges, **REVISTA DE EDUCAÇÃO** publica, na íntegra, o admirável trabalho de Sônia.



Senhorinha Sônia Xavier de Almeida

OBRIGADA, PAPAÍ

Obrigada papai, muito obrigada. Obrigada por seres o meu gigante. Este gigante que está sempre a crescer, nunca para.

Gigante? Porque não, se te vejo tão grande? O "outor" em tudo. Cada vez te vejo, adoro-o, provejo-me grandioso. Cada palavra tua, nos meus sonhos, é sãbia lida na luz actua-te, ler, comparável, fantasia até. Faz-me querer ser como tu, igualzinha. Por tudo quanto vi, escutei, aprendi de ti, obrigada, papai.

Obrigado por me amares, e muito. Sei disso, mas é preciso que me digas. Sei disso porque o vejo em teu olhar quando à tardinha, chegas no jardim. Nota-o quando, não conseguia, recordas, sem uma palavra minha, o nome estranho e complicado de meu chocolate preferido. Até mesmo no olhar que, de sorriso, me lançou, depois de me lances repreendido, há tanto amor!

Porque tenho certeza de teu amor por mim, obrigada, papai.

Obrigada porque, sabendo que gosto, trata-me como "pele grande". És o único a escutar minhas opiniões e até mesmo as discutas. Quando, no roda de teus amigos, falas de coisas importantes, dizs quanto muito entendo, mas que quero saber, só tu tens a paciência de deter-te uns instantes e responder à minha pergunta, de vê-lo tão infantil.

Porque me escutas e me levas a sério, obrigada, papai.

Obrigada por seres tudo que eu preciso de ti. Preciso de mim que me sustentem. Preciso de livros que me ensinam o que é o bem, me ensinam a viver. Preciso de um exemplo que me ame.

Tudo isso me deste, papai, e muito mais ainda.

Porque sou feliz, obrigada, papai, muito obrigada.

Legislação

PROGRAMAS DO ENSINO NORMAL

INSTRUÇÕES METODOLÓGICAS.

I — Exames de Admissão ao Curso ginásial normal (Artigo 41 do Regulamento).

II — Exames de seleção para ingresso no curso colegial normal (Artigo 42 do Regulamento)

III — Exames vestibulares para ingresso no curso normal superior (Artigo 43 do Regulamento)

IV — Programas do Curso Ginásial Normal

I — Exames de Admissão ao Curso Ginásial Normal (Art. 41 do Regulamento).

I — PORTUGUÊS

- Alfabeto; vogais e consoantes; grupos vocálicos e grupos consonantais. Sílabas, vocábulos, notações léxicas e acento tônico.
- Conhecimento das categorias gramaticais: análise léxica. Gênero, número e grau.
- Conjugação completa dos verbos auxiliares e dos regulares.
- Sinônimos e antônimos.

2 — MATEMÁTICA

- Números inteiros. Algarismos arábicos e romanos. Numeração decimal. Operações fundamentais sobre números inteiros.

- Divisibilidade por 10, 2, 5, 9, etc.
- Prova real e dos nove.
- Números primos. Decomposição de um número em fatores primos.

e) Máximo divisor comum e mínimo múltiplo comum de dois ou mais números.

f) Frações ordinárias: simplificação e comparação. Operações sobre frações ordinárias e números mistos.

g) Números decimais fracionários e operações.

h) Conversão de frações ordinárias em números decimais e vice-versa; números decimais periódicos.

i) Noções sobre o sistema legal de unidade de medir.

Metro: metro quadrado e metro cúbico; múltiplos e submúltiplos usuais. Litro, múltiplos e submúltiplos usuais. Quilograma; múltiplos e submúltiplos usuais. Sistema monetário brasileiro.

j) Problemas simples, inclusive sobre o sistema legal de unidade de medir.

3 — GEOGRAFIA

a) Astros: estrelas e planetas. Cruzeiro do Sul; o Sol, a Terra e a Lua.

b) A Terra: forma e movimento. Polos, eixo, equador, meridianos, paralelos, trópicos, círculos polares e zonas terrestres.

c) Orientação geográfica; pontos cardiais. Orientação pelo Sol, pelo Cruzeiro do Sul e pela Bússola.

d) Caracterização dos principais acidentes geográficos.

e) As partes do mundo: sua distribuição geográfica.

f) Formas de Governo.

g) Países da Europa e suas capitais.

h) Países principais da África e da Ásia e suas capitais.

i) Países da América do Norte e suas capitais.

j) Países da América Central e suas capitais.

k) Países da América do Sul e suas capitais.

l) O Brasil, limites, baías, serras, ilhas, lagos e rios principais.

Governo, população, raças e línguas. Principais portos marítimos e fluviais. Estados e Territórios; Capitais, cidades principais. Distrito Federal; cidade do Rio de Janeiro, Brasília.

4 — HISTÓRIA DO BRASIL

a) Descobrimiento da América; Colombo.

b) Descobrimiento do Brasil. Cabral

c) Capitanias hereditárias.

d) Os três principais governadores gerais.

e) Invasão do Rio de Janeiro pelos franceses. Fundação da cidade; Estácio de Sá.

f) Invasões holandesas; Matias de Albuquerque, Henrique Dias e Felipe Camarão.

g) Entradas e Bandeiras; Antônio Raposo Tavares e Fernão Dias

Paes Leme.

h) Conjuração mineira; Tiradentes. Transmigração da família Real de Portugal para o Brasil; D. João VI.

i) Independência; D. Pedro I, José Bonifácio, Gonçalves Lledo.

j) Período regencial; Padre Feijó.

k) O segundo reinado; D. Pedro II.

l) Guerra do Paraguai; Osório e Caxias.

m) Abolição do Cativo; Princesa Isabel, José do Patrocínio e Joaquim Nabuco.

n) Proclamação da República; Deodoro, Floriano Peixoto, Benjamin Constant, Rui Barbosa.

o) Governos republicanos; contribuição ao progresso do Brasil.

II — Exames de seleção para o ingresso no curso colegial normal — (Artigo 42 do Regulamento).

PROGRAMAS

1 — PORTUGUÊS

A — REDAÇÃO —

- Dissertação.
- Cartas familiares.
- Narração de ocorrências da vida escolar ou social.
- Descrição de paisagens, cenas e tipos.

B — GRAMÁTICA —

- Categorias gramaticais: gênero, número e grau.
- Conjugação; vozes do verbo.
- Concordância e regência.
- Noções de composição e derivação.
- A oração. Período composto.
- Sintaxe do verbo «haver».
- Emprego dos pronomes átonos.

- h) Emprêgo dos tempos e modos.
- i) Análise sintática.

2 — MATEMÁTICA

A — ARITMÉTICA —

- a) Prática das medidas de comprimento, superfície, volume e peso (unidades legais brasileiras).
- b) Razões e proporções. Regras de três. Porcentagem. Juros simples.

B — ALGEBRA —

- a) Equações do 1º Grau a uma incógnita. Equações fracionárias redutíveis ao 1º grau.
- b) Sistema de duas equações do 1º grau a 2 incógnitas. Problemas do 1º grau.

C — GEOMETRIA —

- a) Linhas proporcionais no triângulo. Semelhança de triângulos. Semelhança de Polígonos. Relações métricas no triângulo retângulo. Teorema de Pitágoras. Cálculo do lado e do apótema do quadrado, do hexágono regular e do triângulo equilátero, em função do raio do círculo circunscrito. Comprimento da circunferência.
- b) Áreas das principais figuras planas (retângulo, quadrado, paralelogramo, triângulo, trapézio, losango, polígono regular, círculo).

3 — CIÊNCIAS FÍSICAS E NATURAIS

A — O HOMEM —

- a) O corpo humano: divisões e

proporções; desenvolvimento, crescimento.

- b) A vida vegetativa: generalizações sobre alimentos; digestão, respiração, circulação e excreção.
- c) A vida de relação: órgãos dos movimentos; os sentidos; formação.
- d) Coordenação das funções: sistema nervoso; atos reflexos voluntários. Secreções internas.

B — HIGIENE —

- a) Higiene individual: higiene do corpo; a alimentação; o vestuário; os hábitos mentais sadia e os vícios.
- b) Habitação: higiene da casa; vida no campo; a vida na cidade; higiene urbana.

4 — GEOGRAFIA DO BRASIL

A — GEOGRAFIA FÍSICA HUMANA DO BRASIL

- a) O espaço brasileiro.
- b) A população brasileira.
- c) Organização política e administrativa.
- d) Circulação. Sistema de viagens.
- e) A produção agrícola.
- f) A produção mineral e animal.
- g) Indústria e Comércio.

B — GEOGRAFIA REGIONAL DO BRASIL —

- a) Divisão regional. Conceito de região natural. As regiões brasileiras.
- b) Região Norte.
- c) Região Nordeste.
- d) Região Leste.
- e) Região Meridional.
- f) Região Centro-Oeste.

OBS: — O estudo de cada região obedecerá aos seguintes itens:

- a) Descrição fisiográfica;
- b) povoamento;
- c) divisão em Estados;
- d) recursos econômicos;
- e) circulação

5 — HISTÓRIA DO BRASIL

- a) Descobrimto do Brasil e as primeiras expedições exploradoras.
- b) A colonização portuguesa; capitânicas hereditárias e governos gerais. Catequese.
- c) A expansão geográfica:
 - 1) — A ação no período colonial, conquista das regiões setentrionais; entradas e bandeiras; tratados de limites.
 - II — As questões dos limites, no império e na república.
- d) Os ataques dos estrangeiros ao Brasil: franceses ingleses e holandeses.
- e) A independência do Brasil.
 - I — Inconfidência Mineira; movimento precursor; II — a família real portuguesa no Brasil; III — a proclamação da independência.
 - f) O primeiro reinado e o período regencial.
 - g) A política externa no segundo reinado.
 - h) O progresso do Brasil no segundo reinado. A abolição do tráfico de escravos e da escravidão.
 - i) A proclamação da República e os governos republicanos até 1930.
 - j) A República depois de 1930. O progresso do Brasil no período republicano.

III — Exames vestibulares para ingresso no curso normal superior (Artigo 43 do Regulamento).

PROGRAMAS

1 — PORTUGUÊS

A — Dissertação: tema livremente escolhido pela banca sobre assuntos educacionais, sociais ou cívicos.

B — GRAMÁTICA —

- a) As categorias gramaticais e suas funções sintáticas.
- b) A crase.
- c) Processos sintáticos: concordância, regência, colocação.
- d) Período e oração.
- e) Análise léxica e sintática.
- f) Sinônimos, antônimos, parônimos.
- g) Formação de palavras: composição e derivação.
- h) Vícios de linguagem.
- i) Pontuação.
- j) Ortografia oficial.

2. — MATEMÁTICA

A — ARITMÉTICA PRÁTICA —

- a) Número inteiro: sucessões dos números; confrontos; sistemas de numeração; representações geométrica e literal. Operações fundamentais — propriedades respectivas. Estabelecimentos de problemas típicos. Potenciação; propriedades; Divisibilidade aritmética, múltiplos e divisores críticos de divisibilidade; números primos; máximo divisor comum; mínimo múltiplo comum. Aplicações.



- b) Número fracionário: noção intuitiva de fração; frações próprias, impróprias, aparentes; propriedades das frações; simplificação e reduções; confronto. Operações fundamentais; expressões aritméticas fracionárias. Estabelecimentos de problemas típicos. Frações decimais; operações conversões; números decimais periódicos; geratrizes. Aplicações.
- c) Número racional e irracional: grandeza comensurável; números racionais. Grandezas incommensuráveis; números irracionais. Prática da raiz quadrada.
- d) Sistemas de medidas decimais e não decimais. Nomenclatura e notações oficiais.
- e) Noções de aritmética comercial. Grandezas proporcionais. Regras de três. Porcentagem, taxa milesimal. Juros simples. Operações com o montante. Divisor fixo. Desconto. Moeda e câmbio. Aplicações.
- f) Resolução de problemas típicos por métodos aritméticos e algébricos.

B — GEOMETRIA PRÁTICA —

- a) Noção de equivalência entre figuras geométricas planas. Áreas das principais figuras planas. Teorema de Pitágoras e suas aplicações.
- b) Noção de equivalência entre figuras geométricas sólidas. Generalidades sobre os principais sólidos geométricos; definições; áreas da superfície lateral e total. volumes respectivos.

3. — INGLÊS

A — TRADUÇÃO —

15 linhas de autor do século XIX ou XX.

B — GRAMÁTICA —

- a) Artigo: uso do artigo definido indefinido.
- b) Nomes: espécie, gênero e número. Caso genitivo.
- c) Adjetivos: especiais; graus.
- d) Pronomes: pessoais, possessivos, demonstrativos, relativos.
- e) Verbos regulares e irregulares. tempos primitivos.
- f) Conjugação afirmativa, negativa, interrogativa; conjugação ativa e passiva.
- g) Verbos auxiliares; verbo "do"; verbos defectivos.
- h) Uso dos tempos e modos.
- i) Advérbios: espécies e usos.
- j) Preposições: usos.
- k) Conjunções.
- l) Prefixos e sufixos.
- m) Expressões idiomáticas comuns.
- n) Sinônimos e antônimos.

4. — FRANCÊS

A — TRADUÇÃO —

15 linhas de autor do Século XIX ou XX.

B — GRAMÁTICA —

- a) O nome, gênero e número.
- b) O artigo: classificação e uso.
- c) O adjetivo: classificação, gênero e número.
- d) O pronome: classificação e uso.
- e) O verbo: auxiliares, regulares e irregulares.

- f) A conjunção afirmativa.
- g) O particípio.
- h) O advérbio.
- i) A preposição.
- j) A conjunção.
- k) Prefixos e sufixos.
- l) Sinônimos.

5. — HISTÓRIA

- a) A antiguidade clássica e o Renascimento.
- b) A antiguidade clássica e o Renascimento.
- c) A antiguidade clássica e o Renascimento.
- d) O movimento literário e literário.
- e) Primórdios da grande literatura.
- f) A Renascença.
- g) A Revolução.
- h) A industrialização.
- i) A Europa.
- j) A América.
- XX
- k) O movimento progressivo.

6. — HISTÓRIA

- a) O início da história.
- b) Portugal e o grande marítimo.
- c) Primórdios da história.

- f) A conjugação: ativa, passiva, afirmativa, negativa.
- g) O particípio: concordância.
- h) O advérbio.
- i) A preposição.
- j) A conjugação.
- k) Prefixos e sufixos.
- l) Sinónimos e antónimos.

5. — HISTÓRIA GERAL

- a) A antigüidade grega. Instituições e costumes da Grécia antiga. O pensamento grego: Ciências, Letras e Artes.
- b) A antigüidade romana. A vida privada e social na Roma antiga. Atividade intelectual dos Romanos. As instituições romanas.
- c) Advento do Cristianismo.
- d) O movimento intelectual, moral e literário da Idade Média.
- e) Primórdios dos tempos modernos: as grandes invenções; as grandes navegações e o Renascimento.
- f) A Reforma e a Contra-Reforma.
- g) A Revolução Francesa.
- h) A independência das nações americanas.
- i) A Europa nos séculos XIX e XX.
- j) A America nos séculos XIX e XX.
- k) O mundo Contemporâneo e o progresso atual.

6. — HISTÓRIA DO BRASIL

- a) O início dos tempos modernos.
- b) Portugal: papel no ciclo das grandes navegações. O caminho marítimo para as Índias; o descobrimento do Brasil.
- c) Primórdios da colonização. O pau Brasil. Sistema de coloniza-

- ção.
- d) O colonizador português; antecedentes e predisposições.
- e) O indígena: origem (hipóteses), classificação e cultura.
- f) O nordeste: desenvolvimento social. A monocultura açucareira e a sociedade patriarcal escravocrata.
- g) O negro: procedência, característicos dos diferentes grupos. Sua distribuição.
- h) O jesuíta: Atuação na sociedade colonial.
- i) A étnia brasileira como resultantes de contatos raciais e culturais. Miscigenação e aculturação.
- j) O planalto: situação econômico-social. O apesamento e a mineração. O nativismo.
- k) O planalto (continuação): desenvolvimento da economia cafeeira e suas conseqüências. Imigração. A aristocracia do café. Industrialização. A República.

CURSO GINASIAL NORMAL

PORTUGUÊS

1ª SÉRIE

1 — a) Leitura e interpretação de excertos breves e fáceis de prosadores e poetas brasileiros dos últimos séculos. b) Vocabulário. c) Reprodução resumida e oral de assuntos lidos em aula; narração oral de fábulas e contos populares. d) Recitação de pequenas poesias já interpretadas. e) Breves exercícios escritos de redação, feitos em aula, a propósito de textos lidos, com subsídios ministrados pelo professor. f) Ortografia.

LEITURA EXPRESSIVA, VOCABULÁRIO E ORTOGRAFIA

Nas duas primeiras séries, escolher-se-ão para a leitura textos muito simples de prosa e de verso, que tenham por assunto, principalmente, a terra natal, a escola, a família, exemplos de feitos heróicos e virtudes cívicas. Aconselham-se por mais acessíveis à inteligência dos alunos, os contos populares, fábulas, poesias líricas, pequenas descrições de paisagens brasileiras, breves narrativas de fatos de nossa história, os quais ao mesmo tempo despertem o amor do idioma e concorram para a boa formação do espírito e da consciência patriótica.

Com esse caráter predominantemente educativo, prosseguirá a leitura por todo o curso secundário; mas tão cedo quanto possível começará o professor a tirar dela tudo o que seja necessário para a cultura intelectual dos alunos, esforçando-se por estimular neles o gosto literário exigindo-lhes, cada vez mais, expressão correta e elegante não só no falar, senão também no escrever.

Em todas as aulas, antes de se ocupar com as questões de gramática, deverá o professor pedir a interpretação do texto, lido, a análise das idéias, a significação das palavras, a reprodução resumida e oral do pensamento do autor. Assim, além de habituar seus discípulos à observação e ao raciocínio, terá sempre ensejo de submetê-los a proveitosos exercícios de locução e de lhes corrigir a linguagem, proporcionando-lhes simultaneamente contribuições preciosas para os trabalhos escritos de redação, no Curso Ginásial, e de composição literária, no segundo ciclo.

O vocabulário será objeto de exercí-

cios freqüentes e progressivos. A princípio insistirá o professor nos métodos de aquisição por sinonímia, antonímia, difinição, emprêgo em frases curtas, organização de pequenos grupos analógicos...

Quando verificar que os alunos conhecem boa parte do vocabulário latino e os processos de formação de palavras, deverá propor-lhes questões referentes às famílias etimológicas mais importantes.

É indispensável a adoção de um dicionário da língua portuguesa. O ensino da ortografia merecerá o cuidado e derivará naturalmente da leitura e das redações. Uma vez de pequenos trechos adequados e antes, que serão escritos no quadro e copiados nos cadernos das alunas.

REDAÇÃO, COMPOSIÇÃO E ANÁLISE LITERÁRIA

Os trabalhos de redação, sempre muito fáceis, devem ser executados com preferência na aula, individual ou coletivamente, orientados pelo professor e sugeridos pela leitura explicada ou ou sugeridos pela leitura explicada. Como exercícios subsidiários são recomendáveis, entre outros, os seguintes:

- formação de frases com aplicação do vocabulário ensinado;
- substituição de frases por outras de forma diversa e sentido equivalente;
- conversão de períodos compostos em períodos simples;
- transformação de orações subordinadas em coordenadas e vice-versa; substituição de subordinadas adjetivas por adjuntos atributivos por apostos; de subordinadas de forma conjuntiva pelas reduzidas correspondentes, etc.;

- conversão da voz passiva na ativa e vice-versa;
- exercícios de concisão;
- resumo oral de leituras feitas fora da classe;
- paráfrases de textos breves;
- correção de trabalhos apresentados pelos alunos, feita pela turma, sob a direção do professor.

Começará na 4ª série ginásial a composição livre, para a qual, além das indicações do professor, muito devem ser recursos preliminares os exercícios de estilo e a análise literária elementar de textos breves, de preferência modernos.

A análise literária, que já se pode esboçar nesta série, não considera só o gênero da obra, o plano, o desenvolvimento, os processos estilísticos. Cabe-lhe principalmente interpretar o pensamento do autor, examinar as relações entre o conteúdo e a forma, fazer sobressair a idéia ou o sentimento fundamental, apreciar em seguida as idéias ou os sentimentos acessórios e conduzir ao juízo crítico, estudando a obra em seu conjunto e situando-a no seu tempo.

GRAMÁTICA EXPOSITIVA

Nas duas primeiras séries do Curso Ginásial, o ensino de gramática será acentuatadamente prático ministrado à medida que os fatos ocorrerem, sempre baseado na leitura de texto já interpretados com a possível minúcia.

Recomendam-se pequenos exercícios orais e escritos de aplicação, sobretudo os referentes às flexões, às regras de concordância e regência e ao emprêgo das formas verbais mais freqüentes.

As observações gramaticais devem partir da oração para as suas partes. A análise sintática será feita com razoável sobriedade: convém evitar os excessos de nomenclatura, os pormenores, os subentendidos, as construções que, embora usuais e corretas, não estão sujeitas aos rigores da lógica. Não se perigora de vista que o objetivo da análise é orientar o estudante na inteligência dos textos e na correção dos erros que ele comete. Excelente processo de raciocínio, deve ela, entretanto, intervir com oportunidade, sem prejuízo do ensino prático literário da língua.

São mais apropriados à análise léxica os períodos já analisados sintaticamente. Como é óbvio, não se pode, muitas vezes, sentir a categoria de uma palavra sem o conhecimento prévio de sua função na frase.

A sistematização dos fatos gramaticais, tratados até a 2ª série pelo método indutivo, começará na série imediata, quando prosseguirá com algum desenvolvimento o ensino da morfologia e da sintaxe, motivado por exemplos colhidos no livro de aula ou formulados pelo professor.

O estudo das palavras invariáveis, a colocação dos pronomes, particularidades de construção, topologia, linguagem afetiva, como em geral dos demais fatos do idioma, será feito ocasionalmente, sem a memorização de listas e definições, abundância de termos técnicos ou complicações inúteis. Antes de tudo a atenção dos alunos deve ser solicitada para a significação e a forma.

MATEMÁTICA

1ª SÉRIE

I — Números inteiros; operações

fundamentais; números relativos.

1. Noção de número natural, grandeza, unidade, medida. Numeração, falada; numeração escrita. Sistema decimal. Valor absoluto e valor relativo dos algarismos.

2. Adição. Propriedades. Processos de abreviação. Prova.

3. Subtração. Propriedades. Prova. Complemento aritmético de um número.

4. Multiplicação. Propriedades. Processos de abreviação. Prova. Potência de um número. Produto e quociente de potências da mesma base.

5. Divisão. Divisão aproximada. Propriedades. Processos de abreviação. Prova.

6. Números relativos; interpretações. Adição, subtração, multiplicação, divisão e potenciação dos números relativos; regras práticas.

II — Divisibilidade aritmética; Números primos.

1. Múltiplos e divisores. Divisibilidade. Princípios fundamentais. Caracteres de divisibilidade por 10 e suas potências; por 2, 4 e 8; por 5 e 25; por 3 e 9; por 11.

Propriedades elementares dos restos. Provas das operações por um divisor.

2. Números primos e números compostos; números primos entre si. Crivo de Eratóstenes. Reconhecimento de um número primo; decomposição de um número em fatores primos. Cálculos dos divisores de um número. Número divisível por dois ou mais números primos entre si dois a dois; aplicação à divisibilidade.

3. Máximo divisor comum. Algarismos de Euclides; simplificações. Propriedades. Máximo divisor comum pela decomposição em fatores primos.

4. Mínimo múltiplo comum. Rela-

ção entre o máximo divisor comum e o mínimo múltiplo comum. Propriedades.

III — Números fracionários.

1. Frações. Fração ordinária e fração decimal. Comparação de frações; simplificação; redução ao mesmo denominador. Operações com frações ordinárias.

2. Frações decimais; números decimais. Propriedades dos números decimais; operações. Conversão de fração ordinária em número decimal e vice-versa. Número decimal periódico.

IV — Sistema legal de unidades de medir; unidade e medidas usuais.

1. Unidade geral de comprimento; múltiplos e submúltiplos usuais; Área; unidade de área; unidade legal; múltiplos e submúltiplos usuais. Área do retângulo do paralelogramo, do triângulo do trapézio e do círculo; fórmulas. Volume; unidade de volume; unidades legais; múltiplos e submúltiplos usuais. Volume do paralelepípedo, do prisma, da pirâmide, do cilindro, do cone e da esfera; fórmulas. Pêso e massa; unidade legal; múltiplos e submúltiplos usuais. Densidade; aplicações.

2. Unidade de ângulo de tempo. Unidades inglêsas e norte-americanas mais conhecidas no Brasil. Números complexos; operações; conversões.

3. Unidade de velocidade. Velocidade angular.

2ª SÉRIE

I — Potências e raízes; expressões irracionais.

1. Potência de um número; quadrado e cubo. Operações com potência; potência de mesma base e potências semelhantes. Expoente zero; ex-

Exponente negativo, Potência das frações. Potência de um número decimal.

2. Expressão do quadrado da soma indicada de dois números e do produto da soma indicada pela diferença indicada de dois números; interpretação geométrica. Diferença entre os quadrados de dois números inteiros consecutivos.

3. — Raiz quadrada. Regra prática para a extração da raiz quadrada dos números inteiros. Limite do resto na extração da raiz quadrada. Prova. Raiz quadrada de um produto. Aproximação decimal no cálculo da raiz quadrada. Raiz quadrada dos números decimais. Raiz quadrada das frações.

4. — Raiz cúbica. Regra prática para a extração da raiz cúbica dos números inteiros. Prova. Raiz cúbica de um produto. Aproximação decimal no cálculo da raiz cúbica. Raiz cúbica dos números decimais. Raiz cúbica das frações.

5. Grandezas comensuráveis e grandezas incommensuráveis. Números racionais e números irracionais. Radicais. Valor aritmético de um radical. Transformação do índice e do expoente; redução de radicais ao mesmo índice; comparação de radicais; redução de um radical à expressão mais simples. Operações com radicais. Potenciação e radiciação de potência; expoentes fracionários. Exemplos simples de racionalização de denominadores.

II — Cálculo literal; polinômios.

1. Expressão algébrica. Valor numérico. Classificação das expressões algébricas. Monômios e polinômios; ordenação.

2. Adição. Redução de termos semelhantes. Adição e subtração de polinômios.

3. Multiplicação de monômios e polinômios. Produtos notáveis.

4. Divisão de monômios; divisão de polinômios com uma variável.

5. Casos simples de fatoração, identidades.

6. Frações literais; propriedades; operações fundamentais.

III — Binômio linear; equações e inequações do 1º Grau com uma incógnita; sistemas lineares com duas incógnitas.

1. Igualdade, identidade, equação, classificação das equações. Equações equivalentes. Resolução de uma equação do primeiro grau com uma incógnita; equações literais. Discussão de uma equação do primeiro grau com uma incógnita. Binômio linear; decomposição em fatores; variação do sinal e do valor.

2. Desigualdade. Comparação de números relativos. Propriedades das desigualdades; operações. Inequação. Resolução das inequações do primeiro grau com uma incógnita.

3. Equações do primeiro grau com duas incógnitas; sistemas de equações simultâneas. Resolução de um sistema linear com duas incógnitas pelos métodos de eliminação por substituição, por adição e por comparação. Discussão de um sistema linear de duas equações com duas incógnitas.

4. Problemas do primeiro grau com uma e com duas incógnitas; generalização; discussão.

3ª SÉRIE

I — Razões e proporções; aplicações aritméticas.

1. Razão de dois números; razão de duas grandezas. Propriedades das razões. Razões iguais; propriedades;

ente negativo, Potência das frações, potência de um número decimal.

2. Expressão do quadrado da soma indicada de dois números e do produto da soma indicada pela diferença indicada de dois números; interpretação geométrica. Diferença entre os quadrados de dois números inteiros consecutivos.

3. — Raiz quadrada. Regra prática para a extração da raiz quadrada dos números inteiros. Limite do resto da extração da raiz quadrada. Prova. Raiz quadrada de um produto. Aproximação decimal no cálculo da raiz quadrada. Raiz quadrada dos números decimais. Raiz quadrada das frações.

4. — Raiz cúbica. Regra prática para a extração da raiz cúbica dos números inteiros. Prova. Raiz cúbica de um produto. Aproximação decimal no cálculo da raiz cúbica. Raiz cúbica dos números decimais. Raiz cúbica das frações.

5. Grandezas comensuráveis e grandezas incomensuráveis. Números racionais e números irracionais, radicais. Valor aritmético de um radical. Transformação do índice e do expoente; redução de radicais ao mesmo índice; comparação de radicais; redução de um radical à expressão mais simples. Operações com radicais. Potenciação e radiciação de potência; expoentes fracionários. Exemplos simples de racionalização de denominadores.

II — Cálculo literal; polinômios.

1. Expressão algébrica. Valor numérico. Classificação das expressões algébricas. Monômios e polinômios; ordenação.

2. Adição. Redução de termos semelhantes. Adição e subtração de polinômios.

3. Multiplicação de monômios e polinômios. Produtos notáveis.

4. Divisão de monômios; divisão de polinômios com uma variável.

5. Casos simples de fatoração, identidades.

6. Frações literais; propriedades; operações fundamentais.

III — Binômio linear; equações e inequações do 1º Grau com uma incógnita; sistemas lineares com duas incógnitas.

1. Igualdade, identidade, equação, classificação das equações. Equações equivalentes. Resolução de uma equação do primeiro grau com uma incógnita; equações literais. Discussão de uma equação do primeiro grau com uma incógnita. Binômio linear; decomposição em fatores; variação do sinal e do valor.

2. Desigualdade. Comparação de números relativos. Propriedades das desigualdades; operações. Inequação. Resolução das inequações do primeiro grau com uma incógnita.

3. Equações do primeiro grau com duas incógnitas; sistemas de equações simultâneas. Resolução de um sistema linear com duas incógnitas pelos métodos de eliminação por substituição, por adição e por comparação. Discussão de um sistema linear de duas equações com duas incógnitas.

4. Problemas do primeiro grau com uma e com duas incógnitas; generalização; discussão.

3ª SÉRIE

I — Razões e proporções; aplicações aritméticas:

1. Razão de dois números; razão de duas grandezas. Propriedades das razões. Razões iguais; propriedades;

2. Proporção. Propriedade fundamental; recíproca. Transformações. Quarta proporcional. Cálculo de um termo qualquer de uma proporção. Proporção contínua; média proporcional. Terceira proporcional. Propriedades mais usuais das proporções. Idéia geral de média; média aritmética, média geométrica e média harmônica. Médias ponderadas.

2. Números proporcionais; propriedades. Divisão em partes diretamente proporcionais e em partes inversamente proporcionais a números dados.

3. Regra de três. Resolução de problemas de regra de três simples e composta.

4. Porcentagem; problemas. Taxa milesimal.

5. Juros simples; problemas.

II — Figuras geométricas planas; reta e círculo.

1. Figuras geométricas; ponto, linha, superfície, reta e plano. Congruência.

2. Ângulos; definições; classificação e propriedades.

3. Linha poligonal; polígonos; classificação. Número de diagonais de um polígono.

4. Triângulos; definições; classificação. Grandeza relativa dos lados. Triângulos isósceles; propriedades. Casos clássicos de congruência de triângulos. Correspondência na desigualdade, entre os lados e os ângulos. Comparação de linhas de mesmas extremidades.

5. Perpendiculares e oblíquas. Mediatriz e bissetriz como lugares geométricos.

6. Paralelas. Ângulos formados por duas retas quando cortados por uma transversal; propriedades. Propriedades de duas retas perpendicu-

lares a uma terceira. Postulados de Euclides, conseqüências. Propriedades dos segmentos de paralelas compreendidas entre paralelas. Propriedades de ângulos paralelos ou lados perpendiculares.

7. Soma dos ângulos internos de um triângulo; conseqüências. Soma dos ângulos internos e dos ângulos externos de um polígono.

8. Quadriláteros: classificação dos quadriláteros convexos; classificação dos paralelogramos e dos trapézios. Propriedades do paralelogramo e do trapézio. Translação. Retas concorrentes no triângulo.

9. Circunferência e círculo: definições. Propriedades do diâmetro. Arcos e cordas; propriedades. Distância de um ponto a uma circunferência. Tangente e normal.

Posições relativas de dois círculos. Retação.

10. Correspondência de arcos e ângulos. Medida do ângulo central, do ângulo inscrito, do ângulo de segmento, do ângulo excêntrico interior, do ângulo excêntrico exterior. Segmento capaz de um ângulo dado.

III — Linhas proporcionais; semelhança de polígonos.

1. Pontos que dividem um segmento numa razão dada. Divisão harmônica.

2. Segmentos determinados sobre transversais por um feixe de paralelas.

3. Linhas proporcionais no triângulo; propriedades das bissetrizes de um triângulo; lugar geométrico dos pontos cuja razão das distâncias a dois pontos fixos é constante.

4. Semelhança de triângulos; casos clássicos. Semelhança de polígonos.

IV — Relações trigonométricas no triângulo retângulo. Tábuas naturais.

1. Definição do seno, do co-seno e da tangente de um ângulo dado. Construção de um ângulo, sendo dado o seno, o co-seno e a tangente.

2. Uso das tábuas naturais. Cálculo dos lados de um triângulo retângulo; projeção de um segmento.

4ª SÉRIE

I — Trinômio do segundo grau; equações e inequações do segundo grau com uma incógnita:

1. Equações do segundo grau. Resolução das equações incompletas; resolução da equação completa; estabelecimento da fórmula de resolução por um dos métodos clássicos; fórmulas simplificadas. Discussão das raízes; casos de raízes diferentes, de raízes iguais e de não existência de raízes. Relações entre os coeficientes e as raízes. Composição da equação dadas as raízes.

2. Trinômio do segundo grau; decomposição em fatores; sinais do trinômio; forma canônica. Variação em sinal e em valor. Posição de um número em relação às raízes do trinômio. Valor máximo ou mínimo do trinômio do segundo grau. Inequações do segundo grau; tipos. Resolução de inequações do segundo grau.

3. Problemas do segundo grau; discussão. Divisão áurea.

4. Equações redutíveis ao segundo grau; equações biquadradas; equações irracionais. Transformação das expressões da forma:

$$\sqrt{a} + \sqrt{b}$$

II — Relações métricas nos polígonos e no círculo; cálculo de π (Pi)

1. Relações métricas no triângulo retângulo.

Teorema de Pitágoras, triângulos pitagóricos.

2. Relações métricas num triângulo qualquer; relação dos co-senos.

3. Cálculo das medianas, das alturas e das bissetrizes de um triângulo.

4. Relações métricas no círculo. Corda e diâmetro que partem de um mesmo ponto. Ordenada de um ponto da circunferência. Cordas que se cortam. Potência de um ponto em relação a um círculo; expressões da potência. Construções geométricas elementares.

5. Polígonos inscritíveis e circunscritíveis. Teorema de Hiparco. Teorema de Pilot.

6. Polígonos regulares; propriedades.

7. Construção e cálculo do lado do quadrado, do hexágono regular, do triângulo equilátero e do decágono regular convexos. Cálculos dos apótemas.

8. Lado do polígono regular convexo de $2n$ lados em função do n de lados.

9. Medição da circunferência. Comprimento de um arco de curva. Razão da circunferência para o diâmetro. Expressões do comprimento da circunferência e de um arco qualquer.

10. Cálculos de π pelo método dos perímetros.

III — Áreas das figuras planas;

1. Medição das áreas das principais figuras planas. Área do triângulo equilátero em função do lado; área de um triângulo em função dos três lados, em função do raio do círculo circunscrito e em função do raio do círculo inscrito.

2. Relações métricas entre áreas dos polígonos semelhantes; teorema de Pitágoras. Construções geométricas. Problemas de equivalências.

INSTRUÇÕES METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA

No ensino secundário, a matemática desempenha, indiscutivelmente, um papel predominante, como objeto de cultura, instrumento de trabalho e fator de aperfeiçoamento mental.

O alto valor educativo de seus métodos e processos de aprendizagem tem sido reconhecido e proclamado de um modo geral.

Tal aprendizagem presta-se a desenvolver, paulatinamente, no aluno a capacidade de julgamento, o hábito de concisão e rigor na expressão, a intuição, agilidade de ação e de raciocínio, e, também, a atenção e a presteza, para compreender, reter e elaborar.

Cumpre assinalar, ainda, que o ensino da matemática, quando orientado de modo que torne explícito, além de seu aspecto quantitativo, seu caráter eminentemente qualitativo, torna-se um fator bastante ponderável no curso secundário para o desenvolvimento da imaginação e do senso estético do aluno.

É essencial, portanto, que, neste ensino, não se percam jamais de vista tais objetivos, mantendo suas características culturais, educativas, práticas e de utilidade, inclusive como instrumento da Técnica em geral e das outras ciências.

Impõe-se, assim, uma solicitação constante do aluno, que não poderá ser transformado em um mero receptor passivo de conhecimentos. O estudo de cada assunto deverá ser ilustrado com aplicação e exemplos que lhe despertem a atenção e o interesse.

A unidade da matemática deverá ser posta em evidência, a cada passo,

a fim de que seja percebida, com clareza, a identidade dos métodos e dos procedimentos empregados em seus diferentes ramos, muitas vezes sem aparente interrelação.

Proceder-se-á sempre progressivamente não impondo regras de raciocínio, senão quando o espírito do aluno estiver apto para recebê-las.

Especialmente nos primeiros anos do curso ginásial o ensino terá caráter eminentemente prático intuitivo.

Procurar-se-á despertar, aos poucos, no aluno, o sentimento da necessidade da justificativa, da prova e da demonstração, introduzindo-se ainda, no curso ginásial, o método dedutivo, com o cuidado que exige.

A idéia de rigor não deverá ser exagerada, mesmo no segundo ciclo, a fim de que não se torne formal e fastidiosa a explanação da matéria, e o conseqüente alheamento do aluno pelo processo de encadeamento de conceitos das demonstrações e dos problemas. O apelo à intuição jamais deverá ser dispensado. E a lição é de Jacques Hadamard, quando afirma que o rigor não tem tido outro objetivo senão o de sancionar e de legitimar as conquistas da intuição.

Não deverá ser esquecido que a matemática não é lógica pura e não se admitiu por muito tempo.

Dever-se-á dar especial atenção, principalmente no curso ginásial, ao exato significado dos termos empregados, fugindo-se, sempre, da prática de simples memorização, que carece de simplicidade e de ênfase; do uso abusivo de definições, em particular, de definições descritivas, o mais das vezes viciosas e, ainda, do recurso a demonstrações longas e pesadas que, ao invés de se

realizarem as necessidades lógicas que começam a ser despertadas, acabam por atrofiam.

O exercício e o exemplo deverão acompanhar a explanação da matéria, entremeando-se com a sua exposição. E, para os mesmos, necessário se torna facilitar, constantemente, a iniciativa do aluno.

O que importa não é ensinar muito, mas ensinar bem, com orientação adequada, evitando fatos e problemas puramente especulativos.

No curso ginásial, não será introduzido o conceito de número imaginário. Somente na última série do segundo ciclo, ao serem dadas as propriedades gerais das equações e dos polinômios, será feita uma apresentação elementar desse conceito, acompanhada de sumária exposição das propriedades dos números complexos; o essencial para a compreensão do assunto que se segue.

O estudo das equações algébricas terá menos o objetivo de instruir o aluno sobre o cálculo de suas raízes, que o de demonstrar-lhes as dificuldades que o problema revela de um modo geral.

Tenha-se sempre presente que o ensino não depende da disciplina em si, mas, principalmente, do aluno ao qual se ensina.

Assim sendo, a reação da turma e sua maior ou menor rapidez de entendimento constituirão, para o professor, os fatores decisivos que o aconselharão a estender-se além dos limites prescritos ou a reduzir o assunto nos pontos em que julgar indicado.

Os programas deverão ser cumpridos de acordo com a ordem e a disposição em que é apresentada a matéria.

PROGRAMA DE CIÊNCIAS NATURAIS

2ª SÉRIE.

O HOMEM

1. O corpo humano: divisões e proporções; desenvolvimento e crescimento.

2. A vida vegetativa: generalidades sobre alimentos; digestão; respiração, circulação e excreção.

3. A vida de relação: órgãos dos movimentos; os sentidos; fonação.

4. Coordenação das funções: sistema nervoso; atos reflexos e voluntários. Secreções internas.

O AMBIENTE

1. A água: caracteres, propriedades, composição; papel biológico.

2. O ar: caracteres, propriedades, composição; papel biológico.

3. O solo: composição e propriedades; aproveitamento.

HIGIENE

1. Higiene individual: higiene do corpo; a alimentação; o vestuário; os hábitos mentais sadios; os vícios.

2. Habitação: higiene da casa; a vida no campo; a vida na cidade; higiene urbana.

3ª SÉRIE

1. Estado físico da matéria. Mudança de Estado.

2. Espécies de matéria. Mistura. Seu fracionamento.

3. Substâncias simples e compostas; metais e metalóides.

4. Fenômenos físicos e químicos. Tipos de fenômenos químicos. Lei da conservação da massa e lei das proporções definidas.

5. Movimento: noção; movimentos retílineos. Forças, elementos, representa-

INSTRUÇÕES METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE MATEMÁTICA

No ensino secundário, a matemática desempenha, indiscutivelmente, um papel predominante, como objeto de cultura, instrumento de trabalho e fator de aperfeiçoamento mental.

O alto valor educativo de seus métodos e processos de aprendizagem tem sido reconhecido e proclamado de um modo geral.

Tal aprendizagem presta-se a desenvolver, paulatinamente, no aluno a capacidade de julgamento, o hábito de concisão e rigor na expressão, a intuição, agilidade de ação e de raciocínio, e, também, a atenção e a presteza, para compreender, reter e elaborar.

Cumpra assinalar, ainda, que o ensino da matemática, quando orientado de modo que torne explícito, além de seu aspecto quantitativo, seu caráter eminentemente qualitativo, torna-se um fator bastante ponderável no curso secundário para o desenvolvimento da imaginação e do senso estético do aluno.

É essencial, portanto, que, neste ensino, não se percam jamais de vista tais objetivos, mantendo suas características culturais, educativas, práticas e de utilidade, inclusive como instrumento da Técnica em geral e das outras ciências.

Impõe-se, assim, uma solicitação constante do aluno, que não poderá ser transformado em um mero receptor passivo de conhecimentos. O estudo de cada assunto deverá ser ilustrado com aplicação e exemplos que lhe despertem a atenção e o interesse.

A unidade da matemática deverá ser posta em evidência, a cada passo,

a fim de que seja percebida, com clareza, a identidade dos métodos dos procedimentos empregados em seus diferentes ramos, muitas vezes sem aparente interrelação.

Proceder-se-á sempre progressivamente não impondo regras de ensino, senão quando o espírito do aluno estiver apto para recebê-las.

Especialmente nos primeiros anos do curso ginásial o ensino terá caráter eminentemente prático intuitivo.

Procurar-se-á despertar, aos poucos no aluno, o sentimento da necessidade da justificativa, da prova e da demonstração, introduzindo-se ainda, no curso ginásial, o método dedutivo, com o cuidado que exige.

A idéia de rigor não deverá ser exagerada, mesmo no segundo ciclo, a fim de que não se torne formal e fastidiosa a explanação da matéria, o conseqüente alheamento do aluno pelo processo de encadeamento de conceitos das demonstrações e de problemas. O apelo à intuição jamais deverá ser dispensado. E a lição de Jacques Hadamard, quando afirma que o rigor não tem tido outro objetivo senão o de sancionar e de legitimar as conquistas da intuição.

Não deverá ser esquecido que a matemática não é lógica pura e que se admitiu por muito tempo.

Dever-se-á dar especial atenção principalmente no curso ginásial, ao exato significado dos termos empregados, fugindo-se, sempre, da prática de simples memorização, que costuma ser enfática; do uso abusivo de definições, em particular, de definições descritivas, o mais das vezes viciosas e, ainda, do recurso a demonstrações longas e pesadas que, ao invés de

devida, com os métodos empregados nas muitas vezes.

progressivo
ras de rac
spirito do di
ceebê-las.

seis anos d
rá caráter
uitivo.

aos pouco
a necessida
va e da de
e ainda, m
ditivo, con

erá ser exc
o ciclo,
mal e fasti
éria, con
do aluno

ento do
bes e do
ção jamai
ção é de
o afirma
ro objeti

de legiti
o.
o que
a com

atenção
sial, os
empre
práti
ue cati

de de
finações
ciosas
trações
de su

atisfazerem as necessidades lógicas que começam a ser despertadas, as embotam e atrofiam.

O exercício e o exemplo deverão acompanhar a explanação da matéria, acompanhando-se com a sua exposição. E, para os mesmos, necessário torna-se facilitar, constantemente, a iniciativa do aluno.

O que importa não é ensinar muito, mas ensinar bem, com orientação adequada, evitando fatos e problemas puramente especulativos.

No curso ginásial, não será introduzido o conceito de número imaginário. Somente na última série do segundo ciclo, ao serem dadas as propriedades gerais das equações e dos polinômios, será feita uma apresentação elementar desse conceito, acompanhada de sumária exposição das propriedades dos números complexos; o essencial para a compreensão do assunto que se segue.

O estudo das equações algébricas terá menos o objetivo de instruir o aluno sobre o cálculo de suas raízes, que o de demonstrar-lhes as dificuldades que o problema revela de um modo geral.

Tenha-se sempre presente que o ensino não depende da disciplina em si, mas, principalmente, do aluno ao qual se ensina.

Assim sendo, a reação da turma e sua maior ou menor rapidez de entendimento constituirão, para o professor, os fatores decisivos que o aconselharão a estender-se além dos limites prescritos ou a reduzir o assunto nos pontos em que julgar indicado.

Os programas deverão ser cumpridos de acordo com a ordem e a disposição em que é apresentada a matéria.

PROGRAMA DE CIÊNCIAS NATURAIS

2ª SÉRIE.

O HOMEM

1. O corpo humano: divisões e proporções; desenvolvimento e crescimento.
2. A vida vegetativa: generalidades sobre alimentos; digestão; respiração, circulação e excreção.
3. A vida de relação: órgãos dos movimentos; os sentidos; fonção.
4. Coordenação das funções: sistema nervoso; atos reflexos e voluntários. Secreções internas.

O AMBIENTE.

1. A água: caracteres, propriedades, composição; papel biológico.
2. O ar: caracteres, propriedades, composição; papel biológico.
3. O solo: composição e propriedade; aproveitamento.

HIGIENE.

1. Higiene individual: higiene do corpo; a alimentação; o vestuário; os hábitos mentais sadios; os vícios.
2. Habitação: higiene da casa; a vida no campo; a vida na cidade; higiene urbana.

3ª SÉRIE

1. Estado físico da matéria. Mudança de Estado.
2. Espécies de matéria. Mistura. Seu fracionamento.
3. Substâncias simples e compostas; metais e metalóides.
4. Fenômenos físicos e químicos. Tipos de fenômenos químicos. Lei da conservação da massa e lei das proporções definidas.
5. Movimento: noção; movimentos retilíneos. Forças, elementos, represen-

tação, medida: estudo experimental dos sistemas de força. Gravidade, Equilíbrio dos corpos. Massa e peso. Balanças.

6. O som: fontes sonoras, produção, propagação e velocidade do som. Qualidades do som.

7. A luz: produção, fontes de luz, velocidade, propagação retilínea da luz, reflexão da luz, generalidades sobre espelhos. Refração da luz, generalidades sobre prismas e lentes. Dispersão da luz.

8. O calor: fontes de calor; dilatação dos corpos; temperatura.

9. Eletricidade e magnetismo: noções gerais sobre magnetismo. Ímãs. Bússola. Noções gerais sobre a corrente elétrica. Efeitos da corrente elétrica.

DOS SÉRES VIVOS

1. Caracterização dos seres vivos. Diferença entre animais e vegetais.

2. Os vegetais: noções sumárias sobre os órgãos e funções dos vegetais superiores; tipos de organização vegetal; valor econômico dos vegetais.

3. Caracteres gerais dos vertebrados. Caracteres gerais dos mamíferos, das aves, dos répteis, dos anfíbios e dos peixes.

Utilidade e nocividade dos vertebrados.

4. Os invertebrados. Caracteres gerais dos artrópodes: insetos, crustáceos, aracnídeos e miriápodes. Noção sumária de moluscos e equinodermas, vermes, crustáceos, espongiários e protozoários. Utilidade e nocividade dos invertebrados.

GEOGRAFIA

Geografia Geral

Curso Ginásial Normal

1ª SÉRIE

I — A TERRA NO ESPAÇO

1. Idéia do Universo.
2. O sistema solar.
3. A Terra e a Lua.
4. Círculos e zonas terrestres; ordenadas geográficas.
5. Orientação.
6. Representação da terra: globos e cartas.

II — ESTRUTURA DA TERRA

1. A crosta terrestre.
2. Os continentes, os oceanos, mares, os litorais.
3. A atmosfera e os climas.
4. Águas correntes e lagos.

III — OS GRUPOS HUMANOS

1. População; raças.
2. Nações.
3. Cidades.
4. Línguas e religiões; as atividades culturais.
5. A habitação e a alimentação.

IV — A VIDA ECONÔMICA

1. A produção vegetal e animal.
2. A indústria e o comércio.
3. Os transportes e as comunicações.

V — OS CONTINENTES E AS REGIÕES POLARES:

1. Características dos Continentes dados comparativos.
2. As regiões Polares.
- II — A América do Norte.
- III — A América Central e as Antilhas.
- IV — A América do Sul. Países Antigos.

V — A Argentina, Paraguai, Uruguai.

VI — A Europa Setentrional e Oriental.

VII — A Europa Ocidental, Central e Meridional.

VIII — A África. As Possessões Europeias. O Egito.

IX — A Ásia Oriental. A Ásia Central.

X — A Ásia Meridional. A Ásia Ocidental.

XI — A Austrália.

XII — Oceânia.
Cada um dos números do programa será assim estudado:

- a) fisiografia;
- b) as grandes regiões naturais;
- c) populações, raças, línguas e religiões;
- d) divisões políticas e cidades principais;
- e) recursos econômicos.

GEOGRAFIA DO BRASIL

2ª SÉRIE

I — O ESPAÇO BRASILEIRO

1. O espaço e a posição.
2. O relevo.
3. O litoral.
4. Os climas.
5. A hidrografia.
6. O revestimento vegetal.

II — A POPULAÇÃO BRASILEIRA

1. Formação étnica; etnias.
2. Línguas e religiões.
3. Distribuição da população.
4. Imigração.
5. A habitação e a alimentação.
6. As fronteiras.

III — ORGANIZAÇÃO POLÍTICA E ADMINISTRATIVA:

1. A organização constitucional.

2. A divisão política do país. A União. Os Estados. O Distrito Federal. Os Territórios.

3. A divisão municipal.

IV — CIRCULAÇÃO. OS SISTEMAS DE VIAÇÃO:

1. Os transportes: estradas de rodagem; estradas de ferro; navegação marítima e fluvial; a aviação.
2. As comunicações: correios, telégrafos, telefone, rádio.

V — A PRODUÇÃO AGRÍCOLA:

1. Solos agrícolas; esgotamento e conservação.
2. Os principais produtos de origem vegetal.
3. Defesa da produção agrícola.

VI — A PRODUÇÃO MINERAL E ANIMAL

1. Recursos minerais.
2. Criação de animais; produtos de origem animal.

VII — A INDÚSTRIA E O COMÉRCIO:

1. Recursos minerais.
2. As fontes de energia.
3. A evolução industrial e as principais indústrias nacionais.
4. O Comércio interno e o comércio exterior.

VIII — DIVISÃO REGIONAL DO BRASIL

1. Conceito de região natural.
2. As regiões brasileiras.

I — REGIÃO NORTE

II — A REGIÃO NORDESTE

III — A REGIÃO LESTE

IV — A REGIÃO SUL

V — A REGIÃO CENTRO-OESTE

De cada uma dessas far-se-á o seguinte estudo:

- a) descrição física;
- b) povoamento;
- c) divisão em Estados;
- d) cidades;
- e) vida cultural;
- f) recursos econômicos;
- g) a circulação.

INSTRUÇÕES METODOLÓGICAS PARA EXECUÇÃO DO PROGRAMA DE GEOGRAFIA

O ensino de geografia deve ser objetivo: trata-se do conhecimento e compreensão de fatos e, basando-se na explicação dos fatos, descrevê-los e localizá-los. Não é um inventário de nomes de lugares, cidades, montanhas, rios, etc. mas, sim, o estudo da Terra, os acidentes de sua superfície e também as massas e os grupos humanos em relação com as condições físicas em que vivem, sua expansão sobre o glóbo e as modificações de qualquer natureza que imprimem no solo.

Na didática da geografia deve-se atender ao «espírito geográfico», a saber: acentuar, na aprendizagem, o valor das conexões geográficas ou sejam as interações ou incidências recíprocas entre os fatos da superfície terrestre, localizando-os e explicando o sentido de sua evolução e, afinal, coordenando-os.

É óbvia a utilidade da geografia, que nos dá um conhecimento de terras e países e nos conduz à interdependência das nações, fato essencial à compreensão internacional necessária à Paz. Daí, a necessidade de integrar os conhecimentos geográficos na vida da comunidade.

O ensino de geografia, no currículo normal é o da observação direta, tanto quanto possível, donde o uso prescindível da carta geográfica, pelo que nem sempre se podem ministrarem os conhecimentos in loco. E' preciso, então, recorrer-se à representação (geográfica) cartográfica, uma vez que só são geográficos os acidentes físicos ou humanos suscetíveis da representação cartográfica. E' certo que os fenômenos geográficos se situam fora da sala de aula e destarte é mister, para bem observá-los, ir ao terreno, pois a imagem, a gravura, a fotografia, as projeções, fixas ou animadas, não passam, na verdade, de substitutos ou sucedâneos da realidade. A realidade é sempre a fonte primeira, indispensável ao conhecimento geográfico. Assim sendo, num curso deve haver, com as aulas comuns, aulas em contato com a realidade ou sejam excursões, as quais constituem parte essencial no ensino ativo da geografia. A aprendizagem da geografia é, portanto, teórica e prática, já que, do lado de conhecimentos formais, o ensino secundário deve dar aos estudantes certas noções práticas, os chamados métodos de geografia, concomitantemente com a exposição das fontes a que se referem. Assim, serão ensinados: a orientação; exercícios elementares sobre a longitude e a hora legal (fusos horários); manejo de alguns instrumentos (leitura de um termômetro, mudança de escala «F» em «C» e vice-versa; leitura de um barômetro aneróide e conversão de escalas barométricas, avaliação da direção, força e velocidade do vento, manejo de um pluviômetro simples); a feitura de esboços esquemáticos (ampliação e redução de cartas) e de cartogramas e diagramas

As aulas de geografia devem ser dadas em sala própria, que além de globos e cartas naturais, deve possuir, pelo menos, um telúrio, termômetro, bússola, pluviômetro simples, tabuleiro de areia. Com esse material serão realizáveis as práticas. Com o tabuleiro de areia, também chamado geológico, já em uso no ensino primário, pode ser demonstrado o papel dos agentes geológicos na constituição de formas de relevo.

No currículo secundário, não cabe ao aluno fazer cartografia, mas apenas esboços esquemáticos, donde a condenação de cópias minuciosas de cartas geográficas que absorvem o aluno na técnica do trabalho, com prejuízo do aspecto geográfico, que é o essencial.

Não basta dar noções e definições: o ciclo da assimilação didática exige mais e, daí, o apelo ao trabalho individual do discente, a construção de um objeto, pela modelagem, desenho, fabricação de modelos em miniatura (geogramas), blocos, diagramas. E' incontestável que tais trabalhos aguçam a observação, a imaginação e o raciocínio. A feitura de carta não deve ser simples decalques de cartas impressas, processo pouco pedagógico, porém, um esforço de criação pessoal, visando à representação esquemática do fenômeno geográfico.

Na sala de aula, as cartas murais serão grandes, visíveis para a turma. Não devem ser sobrecarregadas de nomes e de côres e devem representar um único fenômeno, não superpondo geografia física, política e econômica.

A carta mural é insuficiente na aula secundária, pois, se atende a observação visual, não emprega a mão. Daí, a feitura dos esquemas e cartogramas

pelos estudantes. Indispensáveis é, também, o uso constante do atlas, instrumento de trabalho valioso, tanto quanto o compêndio.

Na aprendizagem de geografia é relevante o papel que desempenha a iconografia, isto é, gravuras, perfis, gráficos, etc. E' excelente a contribuição da fotografia aérea: para as primeiras séries (cursos ginásial), é preferível a fotografia aérea oblíqua ou em vôo de passáro, por ser mais adequada a dar uma visão de conjunto; para os alunos mais adiantados (segundo ciclo) deve-se empregar a fotografia aérea vertical, mais abstracta e exprimindo melhor a distribuição do fenômeno geográfico.

No curso secundário, pode-se aconselhar ao estudante do segundo ciclo, como complemento, a leitura de certos de índole geográfica.

Ponto de capital importância no ensino de geografia é o que diz respeito à nomenclatura. Deve-se evitar a nomenclatura supérflua, isto é, os nomes raramente empregados ou sem significação; deve ser vedado o rol de nomes, e ao nome anunciado (seja topônimo ou termo técnico) será sempre acrescida a sua razão de ser, importância ou significação. E' também desaconselhável o abuso de números, isto é, de dados numéricos.

Na utilização de gravuras cobir-se-á o excesso, e o seu emprego não deve tornar-se simples divertimento; o mesmo deve acontecer no cinema escolar. A prática propende, na geografia, para o filme mudo, comentado e explicado pelo professor durante a projeção. A imagem não vale por si mesma, vale pelo uso que se lhe dá: é um instrumento.

As excursões não serão em grande número, à vista das exigências do ho-

rário escolar: não devem ser meros passeios e, para que sejam pedagógicos, devem ser dirigidas e preparadas. Na classe, o professor fará o plano a ser rigorosamente cumprido e a turma observará o que foi determinado. Cada aluno anotarà, em caderneta própria, as suas observações, ilustrando-as com esquemas, desenhos ou fotografias.

História Geral

3ª SÉRIE GINASIAL

(História antiga e medieval)

I — O Oriente Antigo. 1. O Egito. 2. A Ásia Ocidental. 3. As primitivas religiões orientais e o monoteísmo hebraico. 4. A origem de comércio marítimo: cretenses e fenícios.

II — O Mundo Grego. 1. Os tempos primitivos e heróicos. 2. As cidades gregas. 3. O imperialismo macedônico. 4. O mundo helenístico.

III — O Mundo Romano. 1. A fundação de Roma e a realeza. 2. A República Romana. 3. Júlio César e o Império Romano. 4. As origens, a propagação e o triunfo do Cristianismo.

IV — O Mundo Bárbaro. 1. Os povos bárbaros. 2. As grandes invasões. 3. Os Francos. 4. O Império de Carlos Magno.

V — Os Árabes. 1. O novo árabe. 2. Maomé e o Islamismo. 3. As conquistas árabes. 4. A contribuição árabe para a civilização.

VI — As Cruzadas. 1. A questão do Oriente antes das Cruzadas. 2. A idéia da Cruzada e a sua importância histórica. 3. As grandes Cruzadas. 4. As Cruzadas, primeira expansão colonial do Ocidente.

VII — A Igreja. 1. A conversão dos bárbaros. 2. As heresias. 3. Os

grandes papas. 4. As ordens religiosas.

VIII — A Monarquia Franco-Inglêsa. 1. As origens da monarquia francesa e o progresso da realeza. 2. A fundação do poder inglês e as origens das prerrogativas parlamentares. 3. A guerra dos Cem Anos. 4. O fim do Estado anglo-francês.

IX — O Império do Oriente. 1. Formação. 2. Os grandes Imperadores Justiniano. 3. A decadência do Império bizantino. 4. A queda do império dos turcos.

X — A Civilização Senhorial e Feudal. 1. O regime senhorial e a feudalidade. 2. A vida social e econômica. 3. A vida material. 4. A vida intelectual e artística.

(História moderna e contemporânea)

I — Primórdio dos Tempos Modernos. 1. O fim da idade média e o prenúncio dos tempos modernos. 2. As grandes invenções. 3. Os descobrimentos marítimos. 4. O Renascimento.

II — A Reforma. 1. O movimento inicial: Lutero. 2. Propagação: Calvino, Henrique VIII. 3. A reação Católica: Santo Inácio de Loyola. 4. As lutas e as guerras religiosas; Felipe II de Espanha e Isabel de Inglaterra.

III — O Novo Mundo. 1. O indígena americano. 2. A conquista e colonização. 3. A escravidão negra. 4. Governo e administração.

IV — Os grandes Estados dos Séculos XVII e XVIII. 1. O absolutismo em França. 2. A monarquia parlamentar inglesa; Cromwell. 3. A Europa central, setentrional e oriental. 4. Os déspotas esclarecidos.

V — A Fase Revolucionária. 1. Independência dos Estados Unidos da América do Norte. 2. A Revolução

Francesa. 3. Napoleão. 4. Independência das nações latinas da América.

VI — A Europa no século XIX. 1. França; Luís Felipe; 2º Império, a 3ª República. 2. A unidade alemã. 3. A unidade italiana. 4. A era vitoriana e o império britânico.

VII — A América nos Séculos XIX e XX. Os Estados Unidos da América do Norte, a doutrina de Monroe. A guerra da Sucessão. Fatos posteriores. 2. As nações latinas da América. 3. Os conflitos internacionais da América do Sul. 4. A contribuição da América para o progresso do direito das gentes.

VIII — A Europa no século XX. 1. A guerra de 1914. 2. A revolução russa. 3. A Itália e Alemanha; o fascismo e o nazismo. 4. Espanha e Portugal; o regime franquista; a República Portuguesa e o Estado Novo.

IX — O Mundo Contemporâneo. 1. As crises européias. 2. A guerra de 1939. 3. Organização das nações unidas. 4. A evolução de democracia.

X — O Progresso Mundial. 1. A ciência e a técnica; as grandes descobertas e invenções. 2. O domínio da terra; as grandes explorações geográficas. 3. As letras e as artes. 4. As conquistas sociais e a organização do trabalho.

4ª SÉRIE GINASIAL

História do Brasil

I — O Descobrimento. 1. Os dois ciclos ibéricos de navegação. 2. O Tratado de Tordesilhas. 3. Cabral e o descobrimento. 4. Controvérsias relativas ao descobrimento do Brasil.

II — A Formação Étnica. 1. O Elemento branco. 2. O selvícola brasileiro. 3. O negro. 4. A obra da catequese.

III — A Colonização. 1. As primeiras expedições. 2. As capitânias hereditárias. 3. O Governo Geral. 4. As primeiras cidades.

IV — A expansão geográfica e a defesa do território. As entradas e as bandeiras. Os tratados de limites. Os franceses no Brasil; séculos XVI, XVII e XVIII. Os holandeses no Brasil.

V — O Sentimento Nacional e a Independência. 1. Formação do sentimento nativista; as primeiras lutas; emboadas e mascates. 2. Os movimentos revolucionários: A revolta de 1720; A Inconfidência Mineira; A revolução pernambucana de 1817. 3. D. João VI no Brasil. 4. A regência de D. Pedro e o grito do Ipiranga.

VI — O Primeiro Reinado e o Período Regencial. 1. A Guerra da Independência e as agitações internas. 3. A abdicação. 4. As Regências. 5. A política exterior do 1º reinado.

VII — Segundo Reinado. 1. A maioridade. 2. As lutas civis; a ação pacificadora de Caxias. 3. As lutas no Prata. 4. A guerra do Paraguai.

VIII — A Evolução Nacional no Império. 1. O progresso econômico e material. 2. As ciências, letras e artes. 3. A escravidão negra: O tráfico dos escravos. 4. A campanha abolicionista: Seu triunfo.

IX — A República. 1. A propaganda republicana. 2. A Proclamação da República. 3. A Constituição de 1891. Principais vultos e episódios da fase republicana.

X — As Condições Atuais do Brasil. 1. Sentimento da política interna. 2. Os rumos da política exterior. 3. A obra de aproximação continental. 4. Progresso geral do País.

HISTÓRIA DA AMÉRICA

I — A América Pré-colombiana. 1. O homem pré-colombiano: sua origem e costumes primitivos. 2. Principais povos pré-colombianos: sua localização. 3. As grandes culturas indígenas da América.

II — A Conquista Européia. 1. Tradições e hipóteses relativas ao Novo Mundo. 2. O descobrimento da América e suas conseqüências. A Conquista da América por Espanhóis e Portugueses.

III — A América Colonial Espanhola. 1. O Novo Mundo Espanhol: divisão administrativa. 2. As terras platinas; a Colônia do Sacramento, as Missões do Uruguai. 3. O vice-rei do Prata.

IV — A América Colonial Inglesa. 1. Primeiros estabelecimentos na América do Norte; espanhóis e franceses. A colonização inglesa. 3. Os holandeses e suecos.

V — A América Colonial Portuguesa. 1. O Brasil e as colônias latino-americanas. 2. A expansão territorial do domínio português. 3. A formação de limites.

VI — Os Estados Unidos. 1. As colônias inglesas da América e seu desenvolvimento. 2. A guerra da Independência. 3. A formação da União Norte-Americana.

VII — A América Espanhola. 1. Antecedentes da emancipação política. 2. Ação dos precursores e libertadores. 3. O caudilhismo.

VIII — O Brasil Independente. 1. A Independência: seus principais fatores. 2. A evolução econômica. 3. A política externa.

IX — As Nações do Novo Mundo. 1. Evolução Política. 2. Remanescentes coloniais e europeus na América. 3.

O Domínio do Canadá.

X — A América Contemporânea. Movimento intelectual. 2. O pan-americanismo e a política da boa vizinhança. 3. As democracias americanas: arbitramento e a solidariedade continental.

INSTRUÇÕES

Impõe-se efetivar o ensino objetivo de história, facultando assim o labor estudantil, o esforço empregado, as atitudes logradas, as noções fundamentais adquiridas.

Os processos de fixação, investigação, raciocinativos, ilustrativos, e outros abrangendo esquemas, formas, de apresentação, literatura, exame, discussão, julgamento de valores são recomendáveis. A pedagogia moderna aplicada seus procedimentos ativos e recursos inúmeros, para ganhar o interesse do discípulo, pode proporcionar um maior aspecto da ligação do passado com a evolução do presente, estruturando, pois, melhor rendimento educativo.

A história, quando exposição da vida em movimento, deve saber empregar as palavras adequadas aos vários sentimentos humanos sem afetação e artificialidade reproduzindo e indicando o sentido especial que cada época significa, o estado d'alma, o modo de pensar e agir do passado. A conveniente escolha da palavra apropriada determina serem postos à margem os defeitos, que constituem os exageros manifestados pelo abuso dos superlativos e as falhas na utilização de expressões banais. Simples e sucinta cabe ser a exposição. Embora recomendável há de admitir o trabalho próprio do jovem. Este terá como ponto de partida a utilização pessoal do livro

de texto, ameno auxiliar instrumental de trabalho, facilitador da aquisição de conhecimentos, sua fixação e revisão; relevando ainda notar que não importa a disposição da matéria nos programas para invalidar qualquer manual, necessariamente contendo o fundamental à disciplina histórica.

DESENHO

1ª SÉRIE GINASIAL

1. Morfologia geométrica e principais noções até círculo.
2. Desenho de letras e algarismos padronizados, tipo bastão.
3. Representação de ornatos lineares em faixas e painéis.
4. Desenho do natural utilizando modelos simples para exercícios de memória visual.
5. Representação de ornatos baseada em motivos geométricos e não geométricos; ritmo para distribuição dos motivos ornamentais, numa composição simples.
6. Desenho de observação direta dos corpos de revolução.
7. Desenho de observação direta dos corpos prismáticos e piramidados.
8. Representação de objetos pela perspectiva de observação: avaliação de grandezas.
9. Solução gráfica de problemas elementares relativos ao traçado de paralelas, perpendiculares, ângulos e polígonos. Circunferência do círculo.
10. Composições elementares no interior de formas geométricas definidas, com uso de colorido.

PROGRAMAS DE TRABALHOS MANUAIS

Curso Ginásial

1ª SÉRIE

Exposição simples sobre Trabalhos

Manuais Educativos, evidenciando sua finalidade sob os pontos de vista utilitário, econômico e higiênico. Materiais empregados. Ferramental e seu preparo. Execução dos principais cortes em cartolina; junções, formação de sólidos.

Noções de projeções; representação de objetos simples.

Nomenclatura, prática, manêjo, preparo e conservação das ferramentas.

Utensílio — pregos, parafusos e colas.

Cortes em madeira; chanfros e ferramentas apropriadas. Estudo sumário das madeiras, visando ao seu aproveitamento. Serras; brocas; puas;

plainas; lixas; alicates; funcionamento manual e elétrico.

Ligação de peças de madeiras; encaixes. Aplicações.

Tintas e vernizes; pincéis e bonecas.

Projeto: execução.

Recorte de chapas de preferência metálicas, para confecção de objetos simples. Ligação de peças de chapa.

Modelagem — massas plásticas; procedência, preparo e conservação.

Noções de figura executada com o uso de formas geométricas em relevo.

Frutos — Se o exercício da modelagem não for possível, será substituído por tecelagem.

2ª SÉRIE

Recordação da matéria da 1ª série, relativa à tecnologia do material, ferramental e utensílio empregados.

Rebaixos curvos; projeto e execução.

Articulações; tornos; cavilhas.

Serrinha de voltear. Aplicação de recortes em motivos decorativos.

Trabalhos em couro — recortes e relevo.

Cortes em metal — monogramas e outros motivos de decoração.

Trabalhos em arame.

Modelagem com argila ou outro material plástico; execução de modelos de frutas.

INSTRUÇÕES METODOLÓGICAS DE TRABALHOS MANUAIS

Os trabalhos manuais, no curso secundário, não têm objetivos profissionais, ou de preparação direta para atividades industriais. Sua finalidade é essencialmente educativa. Isto não significa porém, que esse ensino haja sido introduzido no curso como pretextos para meros exercícios de manualização, sem maior ordem ou sistema. Pelo contrário, dever-se-á atender a princípios psicológicos claramente definidos.

O primeiro deles nos ensina que, trabalhando em coisas e com as coisas, observando a aplicação das diferentes espécies de materiais e a ação do trabalho, os adolescentes encontram as necessárias oportunidades para substituir o tipo de pensamento egocêntrico e fabuloso próprio da infância, pelo caráter objetivo e realista, do homem feito. Consequentemente, há que habituar o aluno a compreender que toda expressão material deve estar associada a formas precisas, de antemão definidas, e que, por outro lado, toda e qualquer espécie de trabalho deve subordinar-se a normas de maior eficiência, apuradas pela experiência milenar do homem.

O segundo princípio é o de que, embora preciso em sua forma e em sua execução, o trabalho carece de ser considerado como fonte de satisfação intelectual e de exercitação do bom gosto. A precisão no trabalho não exclui, antes reclama a ação integral da personalidade, a afirmação de aptidões e de capacidade as mais diversas, por parte de quem o execute. Será ne-

cessário, para isso, habituar os alunos a que não divorciem o trabalho das mãos e o do pensamento, a prática utilitária e o sentido cultural, a aperfeiçoamento próprio, que só trabalho oferece, quando normalmente praticado e ajustado às tendências e interesses de cada um.

O terceiro princípio é o de que o processo natural da aprendizagem reside na atividade própria do aluno, o que nos trabalhos manuais, encontra o seu campo de eleição. O lema "Aprende-se a fazer, fazendo", aqui, mais que em outras disciplinas, demonstra a eficácia e o alcance do ensino ativo. Para dar vida a tais princípios, recomenda-se a adoção do "sistema de projeto". Em sua essência, este sistema resume: 1) proposição de um plano definido, para execução desejada ou pelo menos, de boa vontade aceita pelo aluno; 2) estudo, escolha e preparo dos meios de execução, atendendo a razões de economia e segurança; 3) execução metódica e sem preguiça de qualquer trabalho; 4) crítica dos resultados, por seu confronto com o plano de antemão estabelecido. Por outras palavras, há que motivar o aluno a fim de que ele se interesse pelo "problema", e o compreenda, tão perfeitamente quanto possível, dê-lhe a melhor solução, que por exercício reflexivo, quer por tentativas, e enfim, que se inteire da realidade, pelo confronto dos propósitos que teve em mente, com o objeto efetivamente produzido.

Dê-se modo, pensamento e ação estes sempre juntos, canalizando tendências, apurando as formas de pensamento, e a ele associando valores culturais (concepção e realidade), e valores morais (gosto da execução — digito: da exatidão e da precisão, me-

didada e sinceridade nos propósitos de ação).

O presente programa, para as duas primeiras séries do ginásio, está concebido com obediência a esses princípios e normas. Não apresenta uma série rígida de exercícios específicos, mas operações ordenadas por dificuldade sem conta e de forma cíclica. Isto quer dizer que o seu enunciado representa, especialmente, aqueles objetivos imediatos a conseguir, dentro das amplas finalidades educativas já enunciadas. Significa também que esses objetivos, isoladamente indicados com feição técnica, não hão de ter expressão parcelada, mas conjunta, a cada nova fase de aprendizagem.

A mesma observação cabe quanto à separação das unidades didáticas, em três grupos, segundo o material para a execução dos trabalhos — madeira, metal e massa plástica. A associação de diversas espécies de material, num só projeto, não é apenas conveniente, como francamente recomendada. Deve ficar claro também que a utilização de material, dos três tipos indicados não deverá excluir a dos outros, sempre que complementares ou associados ao projeto: fios e fibras em tecelagem, papel cartão, para montagem ou efeitos de apresentação etc.

Os alunos deverão ser orientados e estimulados a apresentar e definir seus próprios projetos. Não haverá de início, é certo que contar com grandes recursos para esse planejamento por parte deles. Será necessário, portanto, partir da apresentação de modelos e planos, já de todo ou em parte, desenvolvidos. A imitação precede à criação. Em qualquer hipótese, tomase necessária, no entanto, a "leitura do plano", em croqui, desenhos esque-

máticos e, depois, em representação gráfica de maior precisão. Assim se habituará o aluno a sentir o desenho como "linguagem", a que lhe dá oportunidade de educação intelectual e técnica, utilíssima em todos os demais setores de estudo e, futuramente na vida prática.

Note-se, porém, que as lições de trabalhos manuais não deverão revestir do cunho de aulas de desenhos, matéria que tem o seu desenvolvimento próprio em outra disciplina no curso. A sistematização dos traçados geométricos e projetivos será função de ensino próprio dessa outra disciplina. Mas tenha-se sempre em vista que, nas aulas de trabalhos manuais é que os alunos poderão recolher base objetiva de observação e de experiência real, para a compreensão de muitos dos problemas do desenho, como aliás, também, para os de cálculo (exatidão das medidas), de linguagem (propriedade e precisão de termos), e, séries seguintes, de ciências naturais (substâncias, forças, equilíbrio, conservação de matérias primas). Explicações rápidas, em "ensino de oportunidade", deverão ser ministradas pelo professor: tipos e valor de matérias primas, sua procedência, uso prático, extensão das técnicas aprendidas. Os trabalhos manuais deverão, por essa forma, despertar sempre a curiosidade para os conhecimentos a serem normalmente adquiridos em outras disciplinas. Por igual, deverá o professor despertar as oportunidades que se apresentarem para explicações de ramos e tipos de trabalhos acentuando sempre a dignidade das profissões manuais e artísticas, quando proficientemente exercidas. Por este aspecto, os trabalhos manuais podem e devem

exercer influência na definição de tendência, do gosto e da capacidade dos alunos, representando, assim, subsídio de valor à "orientação educacional". Não esqueça o professor de que os alunos de ginásio não se preparam apenas para o colégio, mas também, na mais alta percentagem, para cursos de comércio, técnicos, do magistério e de artes.

Em nenhuma das disciplinas do curso, mais que nos trabalhos manuais, a vida real poderá e deverá refletir-se na vida corrente dos alunos, pela relação com os demais estudos do curso, e na vida futura, pelos deveres e obrigações na vida social.

Muitos exercícios, normalmente, se associarão a lições de outras disciplinas. Por entendimento com os demais professores, será sempre possível a realização de "projetos" que a eles também interessem (estudo de relevo, na geografia; pequenos aparelhos, nas ciências naturais; construções de modelos para desenho; descrição de trabalhos nas aulas de linguagem; reprodução de objetos, instrumentos e construções, para a formação de um museu de história.)

Não abandonará, assim, o professor de trabalhos manuais as oportunidades que tem de coordenar noções teóricas e práticas, servindo-se das demais disciplinas e pondo-se ao serviço delas. Com isso, muito acentuará o cunho educativo do ensino.

No segundo semestre da primeira série e, mais especialmente, na segunda, proporciona também o planejamento, a execução e a crítica de projetos "coletivos" para grupos de alunos, mais ou menos numerosos, ou mesmo, em certos casos, para toda a turma. Dêsse modo, haverá oportunidade para a prática de trabalho em

"cooperação", cujo valor moral não se faz necessário salientar, e para os exercícios reais de divisão de trabalho, condição normal de toda atividade profissional em nossa época.

Duas observações finais devem ser feitas: 1) Se bem que os trabalhos manuais, com a feição pedagógica aqui descrita, interesse tanto a alunos de sexo masculino como o sexo feminino, deverá haver o cuidado de orientar a estas últimas para a execução de atividades que lhes sejam mais adequadas, quer pela técnica, quer pelas aplicações dos trabalhos a produzir. 2) No desenvolver o programa e orientar modelos, não se tenha nunca em mira obter efeitos artificiais para exposições de fim de ano. Essas exposições devem ser feitas, como demonstração honesta do trabalho realizado e como incentivo aos próprios alunos. O que nelas se deverá desejar, portanto, há de ser a tração, em realidade, dos verdadeiros propósitos educativos da disciplina.

MÚSICA E CANTO

1ª, 2ª e 3ª SÉRIES

EDUCAÇÃO FÍSICA

1ª, 2ª, 3ª e 4ª SÉRIES

Observações: — Deverão ser adotados os programas vigentes, expedidos pelo Ministério da Educação e Cultura, para o curso ginásial secundário.

NOÇÕES DE HIGIENE

3ª SÉRIE GINÁSIAL NORMAL

1. Considerações gerais sobre Higiene. Agentes mórbidos.
2. Noções de contágio: direto e indireto.
3. Noções elementares de imunidade e profilaxia.

4. Higiene pessoal. O asseio do corpo, o vestuário, etc.

5. O crescimento e a alimentação. A escola e a alimentação. A educação alimentar da criança.

6. Higiene domiciliar, urbana e rural.

7. Serviços de água, instalações sanitárias, ventilação, etc.

8. Higiene coletiva. Epidemias e Endemias.

9. Estudo das doenças próprias da infância.

10. Condições higiênicas das construções escolares.

EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA

4ª SÉRIE GINÁSIAL NORMAL

1. Significação e objetivo da Educação Moral e Cívica.

2. Nação, Estado, regime democrático.

3. Organização nacional. Regime republicano. A Constituição Brasileira. Símbolos nacionais.

4. A divisão político-administrativa do Brasil e do Estado.

5. Os poderes nas esferas nacional, estadual e municipal.

6. Sistema eleitoral: o voto. Partidos políticos, opinião pública, oposição.

7. Serviços públicos; saúde, educação, viação, energia, etc.

8. Recursos públicos. Reservas naturais. Impostos.

9. Direitos e deveres do cidadão.

10. Problemas brasileiros e responsabilidades dos cidadãos em face dos mesmos.

NOÇÕES DE PEDAGOGIA

4ª SÉRIE GINÁSIAL NORMAL

1. Educação e Pedagogia. Evolução histórica do ideal educativo.

2. Os agentes da educação. O Estado, a Família, a Igreja. A escola.

3. Finalidades da Educação. Os valores educativos.

4. Escola antiga e escola moderna. Princípios da Educação renovada.

5. Ciências auxiliares da Pedagogia. Divisão da Pedagogia.

6. Pedagogia e Psicologia. A psicologia da Infância.

7. Determinantes da Educação. Hereditariedade e meio. Condições sociais: a Família, a Escola, a Comunidade e a Nação.

8. Educação Integral. Educação física, Educação intelectual e Educação moral.

9. A Psicologia da Infância. Características psicológicas da Infância.

10. As diferenças individuais. Homogeneização de classes. Orientação educacional e Serviço Social.

11. A criança problema. Desajustamentos na vida social e na escola. O problema da disciplina escolar.

12. Os testes mentais e sua importância. Tipos de testes. Os testes ABC, sua aplicação e avaliação.

13. Psicologia da aprendizagem. Leis da aprendizagem. Motivação da aprendizagem; fontes de motivação. A transferência da aprendizagem.

15. Verificação do aproveitamento escolar. Rendimento escolar.

NOÇÕES DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO

4ª SÉRIE GINÁSIAL NORMAL

1. Métodos modernos de ensino: noções. O método da escola renovada.

2. Preparo de lições. Preparo e execução das tarefas escolares.

3. O ensino da leitura e da escrita. Evolução da linguagem. Métodos de soletração e silabação.

- Métodos de palavrção, sentençação e de contos. O ensino da ortografia e da gramática. A composição e a literatura infantil.
4. O ensino da matemática. Psicologia da aritmética. Motivação do ensino da matemática. Cálculo mental e cálculo escrito. Conteúdo da aritmética escolar.
 5. O ensino das ciências físicas e naturais. Seleção e ordenação da matéria. Meios auxiliares de ensino. Experiências. O museu escolar.
 6. O ensino das Ciências Sociais. Socialização da criança, através do "habitat". O estudo simultâneo da terra, do homem e da comunidade como fator de socialização e fraternização universal.
 7. O ensino do Desenho e dos Trabalhos Manuais. Fins visados na escola primária com o ensino dessas disciplinas. O desenvolvimento da linguagem gráfica da criança. Técnica e liberdade da criança na aquisição da habilidade gráfica. Espécies de trabalho manual. Seu valor pedagógico. Preparação e execução do trabalho.
 8. Administração e organização escolar. Instituições escolares. Caixa escolar, círculo de pais, clubes, etc.
 9. Administração do ensino primário. Órgão de administração educacional. Escrituração escolar. Diretoria e Serviços de Secretaria.

OBSERVAÇÃO: — No próximo número desta Revista publicaremos os programas dos Cursos Colegial Normal e Normal Superior e as respectivas instruções.

10. Organização do ensino primário. Leis do ensino primário. Tipos de escola primária. Matrícula. Freqüência. Programas de ensino primário.
11. Magistério primário. Sistema de provimento. Direitos e deveres do professor primário. Formação do professor primário.
12. Estatística escolar; sua importância. Preenchimento de modelos usuais de estatística escolar.

OBSERVAÇÕES E INSTRUÇÕES

O curso ginásial normal, destinado a formar professores primários do primeiro grau, foi criado com o objetivo de atender às condições regionais de carência de regentes de ensino primário. Visa a formar jovens com um mínimo de noções indispensáveis à função de alfabetização da infância nas pequenas comunidades. Tendia portanto a desaparecer à medida que as condições locais melhorarem, possibilitando a formação mais avançada que só se pode dar no curso colegial normal. O curso ginásial, como se pode vêr do seu currículo e programa, é o mesmo curso ginásial secundário com a omissão de línguas estrangeiras e a inclusão de outras disciplinas, como Higiene, Educação Moral e Cívica, Noções de Pedagogia e de Didática, destinadas a dar ao jovem professor rudimentos de formação profissional.

O ensino destas disciplinas deve ter caráter prático, evitando-se, portanto, as terminologias pesadas e o desenvolvimento teórico, que somente cabem em cursos mais avançados.

Índice

	PAGS.
I — Solidariedade à Professora Primária de Goiás — Professora Nelly Alves de Almeida	
II — A Arvore e suas utilidades — Professora Aldeida Gomes Estelita	8 a 9
III — Amigos da Natureza — Professora Amália Hermano Teixeira	10 a 14
IV — Grupo Escolar «Pio XII» — inauguração	15 a 20
V — Grupo Escolar Juscelino Kubitschek	20 a 25
VI — Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC)	26 a 28
VII — 7 de Setembro em Goiânia — Imponente Parada Escolar	29 a 36
VIII — Notícias: Semana da Arvore — 1ª Exposição Florestal Regional	37
Brilhante Engenheirando Goiano	38
1º lugar para aluna goiana no Concurso sobre o «Dia do Papai», no Colégio Sacré Coeur de Jesus, no Estado da Guanabara	39
IX — Legislação — Programas do Ensino Normal — Instruções Metodológicas	40 a 68



Índice

	PAGS.
I — Solidariedade à Professôra Primária de Goiás — Professôra Nelly Alves de Almeida	
II — A Árvore e suas utilidades — Professôra Aldeida Gomes Estelita	8 a 9
III — Amigos da Natureza — Professôra Amália Hermano Teixeira	10 a 14
IV — Grupo Escolar «Pio XII» — inauguração	15 a 20
V — Grupo Escolar Juscelino Kubitschek»	20 a 25
VI — Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura (IBECC)	26 a 28
VII — 7 de Setembro em Goiânia — Imponente Parada Escolar ..	29 a 36
VIII — Notícias : Semana da Árvore — 1ª Exposição Florestal	
Regional	37
Brilhante Engenheirando Goiano	38
1º lugar para aluna goiana no Concurso sôbre o «Dia do Papai», no Colégio Sacré Coeur de Jesus, no Estado da Guanabara	39
IX — Legislação — Programas do Ensino Normal — Instruções Metodológicas	40 a 68

SUMÁRIO

- I — SOLIDARIEDADE A PROFESSORA PRIMÁRIA DE GOIAS
- II — A ÁRVORE E SUAS UTILIDADES
- III — AMIGOS DA NATUREZA
- IV — GRUPO ESCOLAR PIO XII — INAUGURAÇÃO
- V — GRUPO ESCOLAR JUSCELINO KUBITSCHER —
INAUGURAÇÃO
- VI — INSTITUTO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E
CULTURA (IBECC)
- VII — 7 DE SETEMBRO EM GOIÂNIA — IMPONENTE PARADA
ESCOLAR
- VIII — NOTÍCIAS
- IX — LEGISLAÇÃO — PROGRAMAS DO ENSINO NORMAL
INSTRUÇÕES METODOLÓGICAS
- Capa — ÁRVORE HISTÓRICA (texto na contracapa)
Fotografia de HERMÉRICO RIBEIRO DA SILVA